

HABITAR ALCÁCER DO SAL

Tempo, Escala e Experiência

HABITAR ALCÁCER DO SAL

Tempo, Escala e Experiência

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA | ANO 2015

MESTRANDO. MARIANA PITORRO DINIZ MAYER

ORIENTADORES. FRANCISCO AIRES MATEUS, Arquitecto
JOAQUIM MORENO, Professor Doutor



001. The Art of Memory.

AGRADECIMENTOS

A todos os meus professores, em especial aos da disciplina de projecto, pela aprendizagem e entusiasmo que me transmitiram ao longo destes últimos anos.

A todos os meus amigos, em especial à Margarida Miranda, ao João Martins, à Mariana Brederode, à Marta Zagallo e à Matilde Ferreira por terem tornado estes anos inesquecíveis.

Ao José Campos e Sousa, e ao Francisco Pestana, pelo companheirismo durante este último ano.

Ao João Esteves, à Olga Sanina, ao François Brunner, à Inês Potes, e ao Daniel Lopez por me ensinarem, apoiarem e ajudarem desde o primeiro dia.

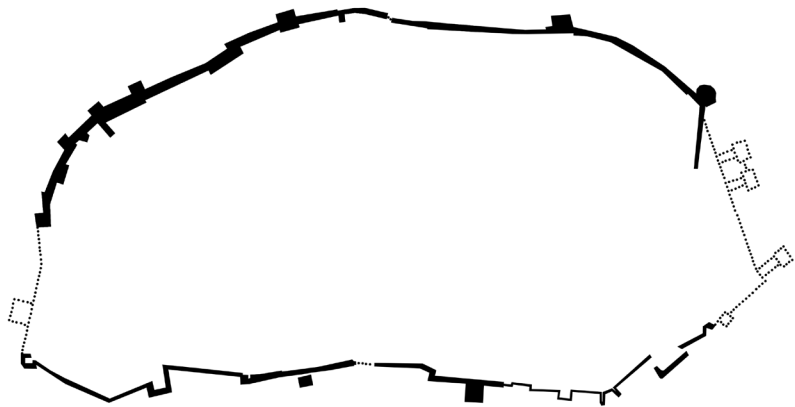
Ao Arquitecto Manuel Aires Mateus pela oportunidade.

Aos meus orientadores, Professor Doutor Joaquim Moreno, e Arquitecto Francisco Aires Mateus.

A toda a minha família.

E sempre ao Francisco.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais, por tudo aquilo que fizeram, e continuam a fazer para que eu consiga atingir os meus objectivos e sonhos.



002. Reconstituição Hipotética da Muralha de Alcácer do Sal (Segundo M. T. Lopes Pereira)

ABSTRACT

This work is the result of a year’s work on a project that aims to contribute to reactivate and rehabilitate the Alcacer do Sal’s Castle’s area. Said area, which in the past had all-important functions, representing the location of the first settlements, is nowadays practically deserted.

Starting from the assumption that this area characterizes not only the city but also the whole of the surrounding territory, the work centered on the redefinition of the element of the collective memory, of history, which seems to have lost importance and to have been forgotten in time.

It was therefore very early in the research process that the strategy to work for the rehabilitation and reactivation of the whole area of the castle was defined. For such purpose, the redefinition of the Castle’s Wall original limit became the major focus of the projected intervention. Which aims not only to transform the city, but to establish itself as defining the whole territory. Therefore, studying some examples in history, we intend to propose a new way of living that generates and encourages different ways of relating with the intervention. We aim to conceive a Project that is derived from the relationship between time, scale and experience.

Keywords: Wall. Memory. Rehabilitation. Reactivation. Dialogue. Time. Scale. Experience.

RESUMO

A presente dissertação apresenta-se como o resultado de um ano de trabalho em torno de um projecto que pretende contribuir para a reactivação e reabilitação da zona do Castelo de Alcácer do Sal. Zona esta que, apesar de no passado ter tido funções de máxima importância, e de representar o local das primeiras fixações, hoje em dia se apresenta praticamente desocupada.

Considerando que esta zona caracteriza não só a cidade como todo o território que a rodeia, o trabalho centrou-se na redefinição do elemento da memória colectiva, da história, que parece ter perdido importância e ficando esquecido no tempo.

Foi portanto, desde muito cedo no processo de investigação que se definiu a estratégia de trabalhar para a reabilitação e reactivação de toda a zona do castelo. Para tanto, assumiu-se a redefinição do limite original da muralha como foco essencial desta intervenção. Uma intervenção que pretende não só transformar a cidade, como ambiciona impor-se e definir todo o território. Assim sendo, e estudando alguns exemplos presentes na história, pretende-se propor uma nova forma de habitar, que provoque e incentive diferentes formas de relação com a intervenção. Pretende-se conceber um projecto que nasça da relação entre o tempo, a escala e a experiência.

Palavras-Chave: Muralha. Memória. Reabilitação. Reactivação. Diálogo. Tempo. Escala. Experiência.

ÍNDICE

005	AGRADECIMENTOS
009	RESUMO ABSTRACT
011	ÍNDICE
013	INTRODUÇÃO
	PARTE I
017	O TEMPO E A MURALHA NAZARÍ
021	LE DUC E RUSKIN
025	MURALHA NAZARÍ, GRANADA
029	A ESCALA E AS TORRES: EM FRANÇA E NA ESCÓCIA
033	TORRE EIFFEL
035	TORRES ESCOCESAS
039	A EXPERIÊNCIA E A ADIÇÃO DO VAZIO
043	FRIEDRICH NIETZSCHE
045	GIOVANNI BATTISTA NOLLI
047	BRUNO ZEVI
051	EDUARDO CHILIDA
053	CONCLUSÃO
	PARTE II
060	LOCALIZAÇÃO
062	EVOLUÇÃO URBANA
064	ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO
080	CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ARQUITECTÓNICO
096	MATERIALIDADE CONSTRUTIVA
104	ÍNDICE IMAGENS
106	BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

“Niente è da inventare, tutto è da reinventare (...) (...) Il progetto, prima che strumento di trasformazione, è strumento di conoscenza (...) (...) Quando progetti in sentiero, una stalla, una casa, un quartiere, pensa sempre alla città (...) (...) L’alpinista è felice in mezzo alle montagne perché sa che al di là dell’orizzonte c’è la città. Il marinaio è felice in mezzo al mare perché sa che al di là dell’orizzonte c’è la città. Ma soprattutto... la luce!” ⁽¹⁾

A intenção de intervir na zona do castelo de Alcácer do Sal, e mais concretamente num local outrora definido e limitado pela forte e imponente muralha foi uma decisão que se formou desde muito cedo no processo de investigação do presente trabalho. Intenção determinada pela constatação de que a incapacidade da povoação de competir com o que o rio tinha para oferecer provocou um processo de abandono, de progressivo desprezo da zona alta da cidade ⁽²⁾ até a tornar no que é nos dias de hoje: um local que subsiste e sobrevive por tudo o que já foi.

Conceber um projecto, tal como nos explica o arquitecto italiano Luigi Snozzi, não deve passar pela tentativa de criar algo novo e nunca antes visto; ao invés, devemos atribuir-lhe a função de contribuir para conhecer, transformar e reinventar o local e o território por ele circunscritos. Assumindo assim, como intenção base do presente trabalho a reactivação e

reabilitação da zona das primeiras fixações populacionais na cidade de Alcácer do Sal, o projecto pretende criar um diálogo entre o passado e o presente, impondo-se e transformando não só a cidade, como todo o território, contribuindo para reinventar também a sociedade que o observa, quem o percorre e vive.

Assim, se por um lado a presente dissertação pretende dar a conhecer as soluções concretas e a materialidade que caracteriza todo o projecto, por outro passará por perceber as razões e processos mentais que influenciaram e indicaram essas soluções. O trabalho apresentar-se-á em duas partes distintas mas conexas no seu processo de construção mental: uma teórica e outra prática. Na primeira parte, recorrendo ao auxílio de casos de estudo práticos, pensaremos o projecto como produto do tempo, de escala e da experiência. Em seguida, tendo por base as conclusões retiradas desta primeira fase, ser-nos-á possível compreender as principais premissas que influenciaram e definiram o projecto proposto a ser apresentado na segunda parte desta mesma dissertação.

(1) SNOZZI, Luigi, 2008, pp.10 e 11

Nada se deve inventar, tudo deve ser reinventado (...)
(...) o projecto, antes de ser uma ferramenta de transformação, é um meio de conhecimento (...)
(...) quando projectamos um caminho, um celeiro, um bairro, pensemos sempre na cidade (...)
(...) o alpinista está feliz no meio das montanhas, porque sabe que para além do horizonte está a cidade.
O marinheiro está feliz em pleno mar, porque sabe que para além do horizonte está a cidade.
Mas acima de tudo... a luz!

(2) “Passado o período de insegurança que caracterizou a reconquista o rio foi progressivamente ganhando importância e dinamismo em relação ao castelo.
O Sado assumiu de vez o papel de personagem principal dentro da velha urbe, e a população por sua vez abandona a vila muralhada de forma sistemática, o que faz com que nos inícios do séc. XV, já se concentrem quase por completo, na zona ribeirinha, todas as estruturas administrativas.”

PARTE I

PARTE I
O TEMPO E A MURALHA NAZARÍ



003. Castelo de Alcácer do Sal - Primeira metade do séc. XX

“Aos arquitectos exigir-se-á que construam, com posterior cultura critica, da memória de todos os dias, da memória de toda a gente, uma nova memória forte, expressiva, significativa, clara, operacional.” ⁽³⁾

Segundo Snozzi, o projecto deve ser fonte de conhecimento antes até de ser elemento de transformação. Na mesma linha de raciocínio, o Professor Arquitecto Manuel Graça-Dias afirma que o projecto deve, com a memória colectiva ⁽⁴⁾, construir novas memórias. Aceitando estas formulações como premissa para o trabalho a desenvolver, assumimos também que na construção do projecto, na imaginação do futuro, é imprescindível o diálogo e a relação com o passado.

Anteriormente afirmámos que como base de todo o trabalho se assumia a definição do elemento da muralha. Um elemento que para além de caracterizar a cidade, se impõe sobre o território. Um elemento que, mais do que criar o perímetro da zona do castelo, representa um passado hoje quase esquecido. Assim, procuraremos nesta fase, através de uma breve investigação de algumas das discussões teóricas incidentes sobre as questões da preservação, do restauro e da reconstrução, bem como da análise de um caso de estudo, tentar encontrar a solução que melhor se adequa à cidade de Alcácer do Sal.

(3) GRAÇA-DIAS, Manuel, 2004, p.12.

(4) Jacques Le Goff afirma, na sua explicação do conceito de memória, para a enciclopédia Einaudi, que a memória pode ser caracterizada, do ponto de vista psicológico, como colectiva ou individual. À memória individual associa o espectro das emoções, enquanto que a colectiva relaciona com os fenómenos temporais que produzem história.

“Finalmente, os psicanalistas e o psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (...), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afectividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória colectiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder: (...) Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mesmos mecanismos de manipulação da memória colectiva.”

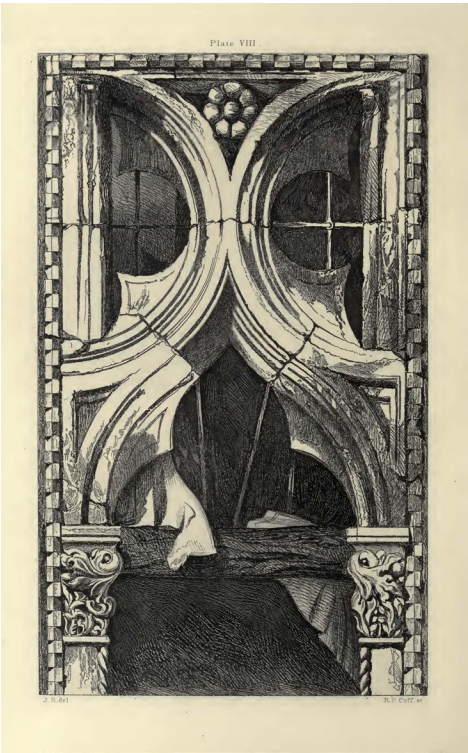
LE GOFF, Jacques, 1984, p.13.



004. Part of the Cathedral of St. Lo, Normandy



005. Capital from the Lower Arcade of the Doge's Palace, Venice



006. Window from the Ca' Foscari, Venice

LE-DUC E RUSKIN

“(…) *I must not leave the truth unstated, that it is again no question of expediency or feeling whether we shall preserve the buildings of past times or not. We have no right whatever to touch them. They are not ours. They belong partly to those who built them, and partly to all the generations of mankind who are to follow us.*” (5)

Questionar a forma de lidar com a herança do passado alimenta um debate longo e controverso. O problema foi abordado no discurso pioneiro de Viollet-Le-Duc que se baseava na ideia de que a importância de manter um monumento se deveria elevar à forma de o fazer. A esta ideia contrapõem-se os argumentos de John Ruskin que, como citado acima, defende não termos o direito de intervir nos monumentos que recebemos de gerações anteriores, por estes representarem a herança das gerações futuras. Ao contrário do que defendia o seu contemporâneo, Ruskin, por demonstrar total e absoluto respeito às origens dos edifícios, acreditava que estes deveriam atravessar os diversos séculos mantendo-se intocáveis. Desta forma, deveriam envelhecer conforme o seu próprio destino, aceitando, se fosse o caso, a sua obliteração.

Para além de Ruskin, também Alois Riegl vai defender a necessidade de envelhecimento dos edifícios. É no ano de 1903, quase meio século depois de Ruskin ter apresentado as sete candeias que deveriam iluminar a arquitectura, que Riegl, a pedido do governo Austro-Húngaro, num artigo sobre a protecção de edifícios antigos, vai procurar perceber qual o valor mais apreciado nos edifícios. Neste artigo Riegl tenta compreender

de que forma poderemos lidar com os monumentos, tendo em conta que diferentes monumentos assumem diferentes valores, e diferentes valores pressupõem diferentes teorias de preservação.

“*In its oldest and most original sense a monument is a work of man erected for the specific purpose of keeping particular human deeds or destinies (or a complex accumulation thereof) alive and present in the consciousness of future generations.*” (6)

Da frase com que Riegl decide dar início ao seu estudo podemos desde logo verificar que este se irá aproximar mais das ideias Ruskinianas do que dos defendidos por Viollet-Le-Duc. Os monumentos, tanto para Riegl como para Ruskin, tornam-se muito mais do que portadores de memória, pois carregam o suor dos que o ergueram. Com este intenso e interessante trabalho Alois Riegl não pretende elevar um valor em relação a outro. Interessa-lhe, isso sim, perceber qual o valor que assume maior importância e popularidade na forma de lidar com os monumentos.

“*We seem to face a hopeless conflict here: on the one hand in an appreciation of the old for its own sake, a view that condemns any renovation of the old on principle; on the other hand is an appreciation of the new for its own sake, a view that seeks to remove all traces of age as disturbing and displeasing.*” (7)

(5) RUSKIN, John, 1849, p.197.

“Não posso calar a verdade, que a nossa decisão de conservar ou não os edifícios das épocas passadas também não é questão de oportunidade ou de sentimento. Nós não temos nenhum direito de lhes tocar. Não são nossos. Eles pertencem, em parte, àqueles que os construíram, e em parte a todas as gerações de homens que deverão vir depois de nós.”

Idem, 2008, p.27.

(6) RIEGL, Alois, 1997, p.72

“Por monumento, no sentido mais antigo e original do termo entende-se uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objectivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas acções humanas ou destinos (ou a combinação de ambos).”

Idem, 2014, p.31

(7) RIEGL, Alois, 1997, p.72.

“Parece então que nos encontramos diante de um conflito sem esperança: de um lado, vemos a valorização do antigo por si mesmo que, basicamente, condena qualquer renovação e, do outro, a valorização do novo por si mesmo, que procura eliminar todos os traços de antiguidade, considerados perturbadores e ofensivos.”

Idem, 2004, p.72.

No seu estudo intitulado “Culto Moderno aos Monumentos” Riegl apresenta-nos o “valor de idade” e o “valor histórico”, reflectindo sempre sobre as acções de preservação e restauro. Quando valorizada a “idade”, ou seja, quando o monumento é considerado como um objecto orgânico, num estado de degradação do momento em que foi criado, não se aceita qualquer tipo de intervenção, a não ser as que impedem o olvidamento prematuro do mesmo. Este é o valor que é por Ruskin apontado como o verdadeiro valor intrínseco aos edifícios. Ao valorizar a história, o observador está a considerar o edifício como uma representação de um aspecto específico de um determinado período. Neste caso, intervenções com o âmbito de preservação e conservação são admitidas, bem como de reconstrução, sempre com a intenção de manter o objecto o mais fiel possível ao objecto original.

Compreendidos os diferentes conceitos de valor, e as opções de preservação e restauro por estes assumidos, Riegl acaba por concluir que é à idade do edifício, é à marca da passagem do tempo que se acaba por admitir maior importância. Assim, e concordando com os ideais de Ruskin, Alois Riegl acredita que os monumentos devem apenas sofrer pequenas e pontuais intervenções de carácter de restauro.

“Age value, as indicated earlier, has one advantage over all other ideal values of the work of art: it claims to address everyone, to be valid for everyone without exception. It claims not only to be above all religious differences, but also to be above differences between the educated and the uneducated, art experts and laymen.” ⁽⁸⁾

Retomando: se no início nos questionávamos sobre a forma de lidar com o elemento da muralha, com o elemento que se assumia como fulcral no pensamento de projecto, de forma a reactivar e reforçar a memória praticamente perdida, podemos agora conjecturar sobre uma possível matriz de intervenção.

Ter como intenção base de projecto a redefinição do coroamento da colina do castelo de Alcácer do Sal, através do reavivamento do limite primórdio da muralha, passa portanto por admitir maior importância à transversalidade educacional e religiosa que é assumida através do valor de idade. Desta forma, sustentamos a estratégia de projecto nos ideias Ruskinianos, mais tarde defendidos por Riegl. Assim, sendo que a estratégia não permite qualquer tipo de intervenção no pano original da muralha, como podemos proceder à redefinição do seu limite original? Como poderá o projecto reafirmar a memória do coroamento da colina, sem que se proceda a qualquer tipo de reconstrução do elemento pré-existente?

(8) Idem, 1997, p.74

“O valor de antiguidade, como já foi mencionado anteriormente, tem, sobre os outros valores ideais da obra de arte, a vantagem de poder ser partilhado por todos e ter validade para todos, sem excepção. Ele afirma-se não apenas acima da diferença das confessionais, mas também além da distinção entre homens cultos e incultos, entre entendidos e não entendidos em arte.”

Idem, 2014, p.54



007. Muralha Nazari, Granada



008. Muralha Nazari, Granada



009. Muralha Nazari, Granada

MURALHA NAZARÍ, GRANADA

No decorrer da segunda fase do projecto de reabilitação do monte de San Miguel, que se encontra de frente para a colina de Alhambra, Antonio Jiménez Torrecillas apresenta como solução de intervenção o desenho de um troço da muralha Nazarí que, em consequência de um episódio sísmico, desabara no século XIX. Este apresenta-se como um exemplo da tentativa de descoberta de um elo consistente de ligação e diálogo entre o passado e o presente, servindo de base para a proposta de intervenção a ser, mais à frente, apresentada.

Neste projecto, o arquitecto propõe uma construção linear e paralela ao pano original da muralha, que apesar de se adaptar às dimensões da fenda existente há mais de um século, não assume qualquer ponto de contacto com o objecto original. Torrecillas consegue assim garantir que não existe qualquer alteração no processo de deterioração, assumindo portanto um diálogo ainda mais contrastante entre o objecto passado e a intervenção do presente.

“A intervenção fecha a brecha que desde o século XIX fere a muralha nazari, construída no princípio do século XIV, através de uma espécie de compressa exterior que se adapta estritamente à sua grossura sem tocar nos restos históricos, garantindo assim a sua perfeita conservação.” (9)

A intervenção na muralha Nazarí permite, através deste diálogo entre períodos temporais distintos, criar relações diferentes, que intensificam a experiência do projecto, dependendo da distância entre o observador e a obra. Se de longe o objectivo passa por entender a muralha como um elemento único, com uma continuidade não mimética, mas única, à medida que o observador se aproxima da intervenção a sua percepção muda drasticamente. As descontinuidades características do processo construtivo, de sobreposição de placas de granito, permitem a formação de vazios que asseguram a visibilidade de quem circula pelo seu interior. Desta forma, para além de ser observada pela cidade, a nova muralha permite observar a cidade.

“ Estruturalmente, a presença massiva e maciça desvanece-se, porque o seu interior é convertido num espaço vazio, autêntico ponto singular do projecto: uma paisagem silenciosa que nos permite caminhar dentro de uma muralha, um misterioso umbral que liga duas zonas da cidade historicamente diferentes (...)” (10)

Quanto maior o afastamento mais clara a continuidade linear, quando mais próximo maior a noção de que esta é um limite difuso, mais translúcido e menos intransponível.

(9) TORRECILLAS, Antonio Jiménez, 2007, p.90

(10) Ibidem



010. Muralha Nazari, Granada



011. Muralha Nazari, Granada

Torrecillas projecta, para a muralha Nazarí, em Granada, um elemento que não assume nenhum contacto com o elemento pré-existente. Da mesma forma, o projecto a ser apresentado, concordando com os ideais e princípios de Ruskin e Riegl, não prevê qualquer contacto físico com a muralha do castelo de Alcácer do Sal, garantindo assim a preservação do seu estado. Assim, e do mesmo modo que nos é demonstrado no projecto de Antonio Jiménez Torrecillas, redefinir o limite primórdio da muralha, sem recorrer à reconstrução de troços deste mesmo limite, deve passar por ser um processo de investigação da forma como iremos observar a intervenção. Mais do que uma reconstrução, o trabalho deve ser pensado e desenvolvido na sua relação de proximidade com o homem; com a cidade; com todo o território.

PARTE I
A ESCALA E AS TORRES: EM FRANÇA E NA ESCÓCIA



012. Vista Aerea Alcácer do Sal

*“A colina que domina a paisagem de Alcácer do Sal é coroada pelo longo desenho de uma muralha ameada, interrompida e pontuada por volumes construídos que sempre lhe conferiram respeitável im-
ponência e testemunharam a história do sítio.”* ⁽¹¹⁾

Estudar os ideias Ruskinianos, reafirmados por Alois Riegl, e tomando como exemplo o projecto da muralha Nazarí, mostrou-se de extrema importância no desenvolvimento estratégico do projecto. Se até então nos questionávamos sobre a forma de reafirmar este coroamento, sem pôr em causa o limite original, percebemos agora que ao diálogo entre o passado e o presente é imprescindível a relação individual e colectiva da percepção da obra. À relação temporal presente no projecto deve adicionar-se a questão da escala.

Construções de carácter militar, como o caso da muralha do castelo de Alcácer do Sal, por serem concebidas com o objectivo de defesa e de organização territorial, assumem-se perante todo o território como elementos de poder. Tais construções, para além de imporem a condição de vigilância sobre o território, ao dominarem toda a paisagem impõem também a condição e necessidade de serem observadas. Se por um lado permitem observar o que as rodeia, estão também em constante observação.

Contudo, além de se apresentarem como maciças e intransponíveis as construções militares apresentam também características de ponto de abrigo, de lugar de segurança. A intenção base presente no seu momento de concepção é de as elevar perante o território, conseguindo que estas transformem e organizem o que as rodeia. Mas também se pretende transmitir aos seus habitantes tranquilidade, serenidade e segurança.

A intervenção que nos propomos respeita, assim, a dupla intencionalidade original que os construtores do castelo atribuíram à muralha, que resulta do posicionamento do observador. Tal como no caso do acrescento à muralha Nazarí, onde a proximidade do observador em relação á intervenção se demonstra indispensável à compreensão e entendimento da mesma ⁽¹²⁾, e de outros exemplos colhidos da história da arquitectura onde nos podemos deparar com este mesmo fenómeno.

(11) PIMENTEL, Diogo Lino, in RAMALHO, Margarida, 1998, p.23.

(12) *“A partir de longe, a parte nova ajusta o seu aspecto ao resto, respeitando a sua sequência linear; enquanto que numa observação próxima, diferencia-se rotundamente do muro original.”*

TORRECILLAS, Antonio Jiménez, 2007, p.90.



013. Fotografia Aérea da Torre Eiffel, 1889

TORRE EIFFEL

“Maupassant often lunched at a restaurant in the Tower, though he didn’t care much for the food: “It’s the only place in Paris”, he used to say, “where I don’t have to see it.” ” ⁽¹³⁾

Um bom exemplo de estrutura que se revela de forma muito diversa consoante o ponto desde onde é observada é a Torre Eiffel.

Construída no ano de 1889 por Gustave Eiffel para a Exposição Universal, como elemento comemorativo do centenário da Revolução Francesa, a Torre Eiffel é, ainda na contemporaneidade, a mais alta estrutura presente na cidade de Paris.

É ao percorrermos o interior da torre que percebemos, como nos enuncia Roland Barthes, que o seu interior é o único lugar na cidade a partir do qual não temos a percepção da mesma. O seu interior permite observar o seu redor, permite compreender o território por esta transformado.

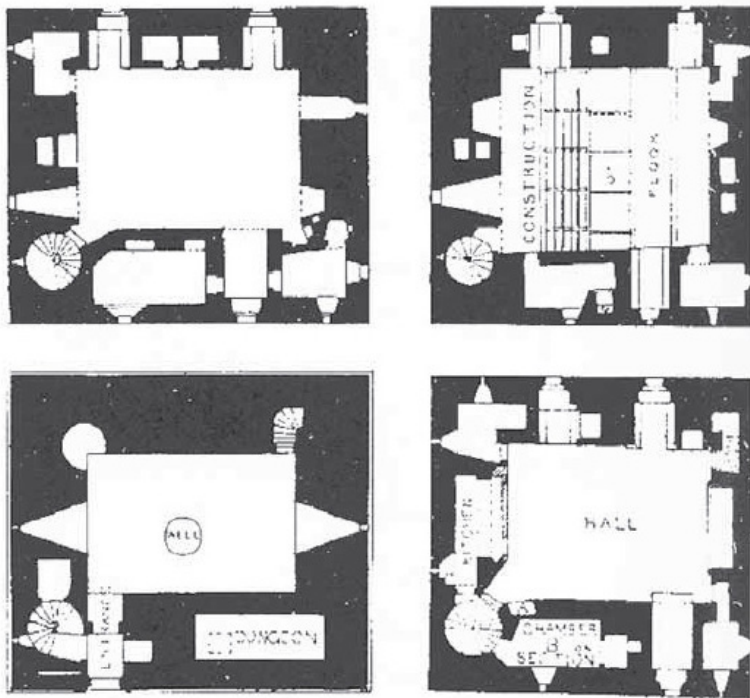
Mas simultaneamente podemos dizer que não existe praticamente nenhum local da cidade de onde a torre não possa ser observada, e que por isso fique imune à vivência por ela induzida. Deste modo, a estrutura torna-se um marco na cidade, ao mesmo tempo que se assume como marco da cidade.

(13) BARTHES, Roland, 1996, p.236

“Maupassant almoçava frequentemente num restaurantes na torre, embora a comida não lhe agradasse demasiado: “É o único lugar em Paris”, costumava dizer, “onde não tenho de a ver”.



014. Torre Escocesa



015. Esquiços de Louis Kahn dos Castelos Escoceses

TORRES ESCOCESAS

Outro exemplo que nos pareceu relevante para sustentar as premissas fundamentais que pretendemos para a intervenção a efectuar no Castelo de Alcácer do Sal é o das “torres Escocesas“. É conhecido o fascínio que Louis Kahn desenvolveu pela arquitectura monumental, pelos Castelos e torres na Escócia, principalmente pela organização dos espaços que o arquitecto denominava como espaços “servidos” e espaços “servidores”.

Construídas entre o século XII e XIII, estas imponentes e massivas torres foram concebidas com o intuito de se imporem no território, e de servirem como ponto de defesa. Caracterizam-se como casas fortificadas, encontrando-se como limite entre uma residência e um castelo.

Do ponto de vista topológico, as torres apresentavam uma clara distinção entre dois tipos de espaços, que Kahn, no seu estudo vai denominar de “espaços servidos” e “espaços servidores”. Os primeiros identificavam-se como sendo espaços centrais amplos, onde decorreriam as actividades domésticas e sociais, contidos por espessos muros onde se escavavam os espaços secundários que serviam, entre outras coisas, para a dissimulação dos acessos verticais.

Tendo tido como motivo inicial de construção a necessidade máxima de defesa, as primeiras torres apresentavam muros de enormes espessuras. No entanto, com a diminuição da necessidade defensiva, os espaços secundários adquirem maior liberdade, e a massa densa e compacta que rodeia o espaço central torna-se num corpo esculpido que, através do rasgar de pequenos vãos, permite a entrada de luz e ar neste enorme bloco de pedra.

A imagem de bloco maciço, intransponível, contrasta portanto com a sensação espacial de conforto e com a luz que se vive pelo interior. A reduzida e ponderada relação que se obtém com o exterior não permite transparecer vida interior, garantindo assim segurança e serenidade a quem a habita.

Tanto no caso da torre de Gustavo Eiffel, como no caso estudado por Louis Kahn, o que nos interessa e fascina é a condição de transformação que está presente em ambos os casos. Ao contrário do que procurámos na fase anterior, não nos interessa agora perceber as mudanças e as evoluções do ponto de vista temporal. Interessa-nos, isso sim, compreender que a posição que assumimos enquanto observadores na relação com a obra que percebemos muda por completo o que esta nos transmite.

Do exemplo da torre Eiffel podemos compreender que o projecto deve ser vivenciado de diversas formas. Se pelo exterior ele parece claro, e dominante, pelo interior pode, muitas vezes, tornar-se praticamente invisível. Já no caso das torres medievais da Escócia interessa a propriedade que estas adquirem de simularem algo intransponível e maciço, ao mesmo tempo que pelo interior se demonstram habitáveis.

Assim, podemos depreender que é, para este trabalho, na questão de diferentes relações que se vai conceber a solução a ser apresentada. Se, de um ponto de vista mais longínquo, se do ponto de vista da cidade e do território nos interessava reconstruir e redefinir o limite antes definido pela muralha do castelo de Alcácer do Sal, do ponto de vista mais próximo, do ponto de vista de quem percorre esta nova intervenção interessa distinguir por completo o antigo do novo. Interessa possibilitar um diálogo claro entre o que é passado e o que é presente, observando a cidade e tudo o que a rodeia, concebendo espaços, que tal como na torre Eiffel e nos exemplos escoceses, têm o poder de nos transportar para novas posições, afastando-nos das ideias e percepções a que nos encontrávamos presos e limitados.

Interessa-nos agora a experiência, ao invés da observação.

PARTE I
A EXPERIÊNCIA E A ADIÇÃO DO VAZIO

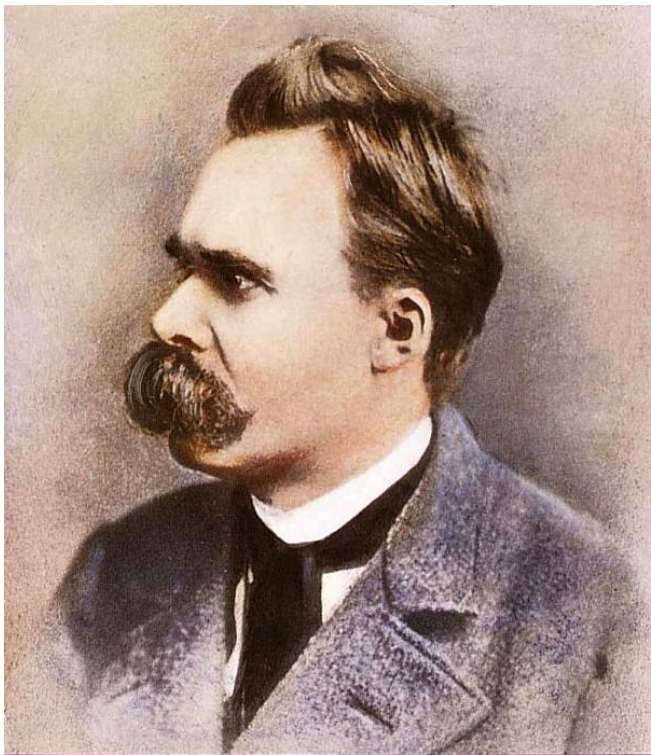
“So: it is possible to live with almost no memories, even to live happily as the animal shows; but without forgetting it is quiet impossible to live at all.”⁽¹⁴⁾

A John Ruskin e a Alois Riegl associamos a relação que se estabelece entre o projecto e o passado. A esta condição temporal considerámos ser imprescindível a relação de escala e percepção que se estabelece com o observador. Contudo, falar da noção de proximidade e afastamento, de observar e ser observado, de ser intransponível ao mesmo tempo que é habitado, passa também por assumir um exterior e um interior, um público e um privado, um positivo e um negativo.

Assim, se ao tempo e se à redefinição da memória praticamente perdida fazemos corresponder a percepção exterior e longínqua da intervenção, poderemos, ao seu interior, fazer corresponder o fenómeno amnésico? Poderemos considerar que ao construirmos o vazio estamos a fabricar o esquecimento, permitindo assim a criação de novas memórias?

(14) NIETZSCHE, Friedrich, 1980, p.10.

Portanto, é possível viver quase sem memórias, e mesmo viver feliz como nos demonstram os animais, mas é praticamente impossível viver sem esquecer.



016. Friedrich Nietzsche

FRIEDRICH NIETZSCHE

Nietzsche deixa bem clara a sua posição sobre a importância do esquecimento, ao assumir que o homem não será capaz de viver feliz se não for capaz de esquecer. Para o filósofo, a noção de Memória é concebida de forma bastante diferente dos seus precursores. Se até então os debates e exposições sobre este assunto incidiam, essencialmente, sobre a forma de lidar com os edifícios existentes, Friedrich Nietzsche vem agora reflectir sobre a necessidade de à condição de Memória se aliar a faculdade de esquecer. Para Nietzsche conceitos como “esquecer” ou “lembrar” apenas têm valor se forem utilizados, se forem capacidades a que os homens recorrem para construir o futuro.

Assim, e visto que analisámos anteriormente a forma de lidar com o passado, de lidar com as construções herdadas, compreendamos agora de que forma o espaço por estas definido pode construir o futuro. Compreendamos de que forma podem os vazios, por contraposição ao passado representado pelo construído, indicar o futuro.

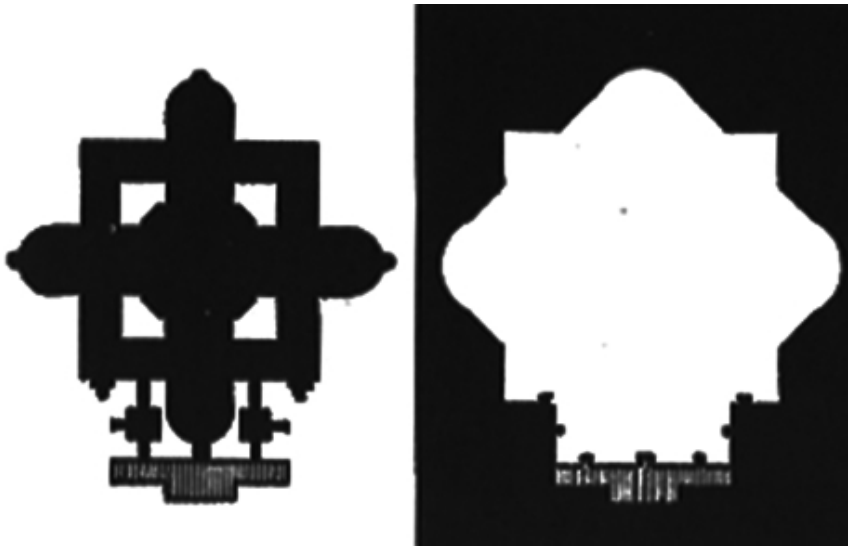


017. Mapa de Roma, Nolti

GIOVANNI BATTISTA NOLLI

Na tentativa de encontrar analogias que melhor expliquem a ideia base do presente trabalho, decidimos debruçar-nos primariamente sobre o trabalho de Nolli. Giovanni Battista Nolli, arquitecto italiano do século XVIII, pode ser apontado como um dos pioneiros no estudo da importância do vazio. Na sua famosa “Pianta Grande di Roma”, Nolli representa todos os espaços privados a preto, conseguindo assim destacar, e valorizar aqueles de carácter público, que se apresentam a branco. Desta forma, o arquitecto consegue trazer para o discurso arquitectónico a noção da importância dos vazios, dos espaços públicos, exteriores e interiores, na vida quotidiana da cidade.

Todas as representações que se seguiram ao trabalho de Nolli, representações de cheios e vazios, de negativos e positivos, de espaço público e privado, trouxeram para o discurso arquitectónico várias discussões de máximo interesse. Destas discussões deriva não só a ideia que tentamos aqui estabelecer da Memória como Architectura construída, e do “esquecimento” como o vazio que a integra, como se torna também possível discutir sobre o vazio como espaço fulcral à criação de novas memórias, do vazio como elemento base do futuro.



018. Espaço interior e Espaço exterior

BRUNO ZEVI

“(…) a architectura é como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha.” (15)

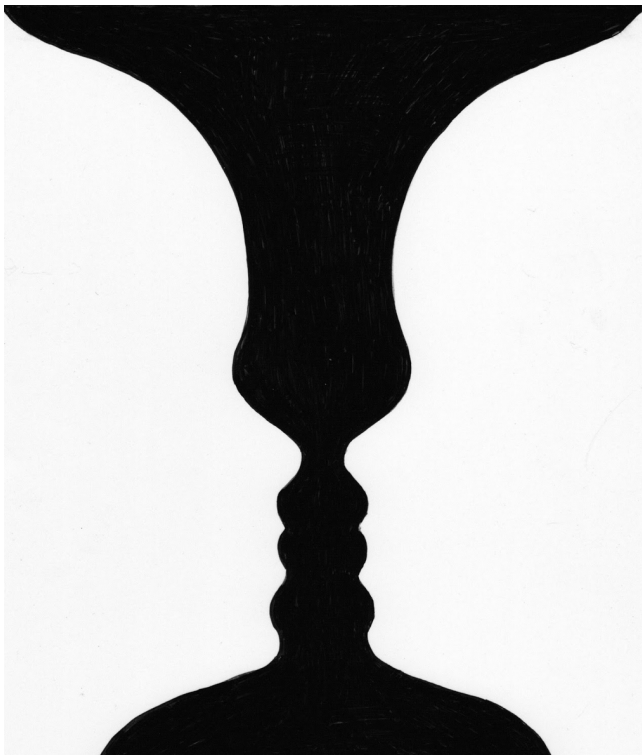
“Mas a architectura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem.” (16)

No estudo da construção do vazio, no estudo da importância do espaço arquitectónico, apesar de pioneiro, Nolli não se encontra isolado. Quando escreve o seu livro “Saber Ver a Architectura”, Bruno Zevi define o espaço como sendo o grande protagonista da architectura. É a esta propriedade espacial, à capacidade de ser penetrável, que o autor vai atribuir a verdadeira distinção entre architectura e escultura. Na tentativa de compreender as ideias transmitidas por Zevi é importante conceber que o espaço vazio e o espaço não ocupado não significam a mesma coisa. Um espaço vazio, por pressupor a necessidade de reflexão, não pode ser considerado como não ocupado ou por ocupar. O vazio representa, para Zevi, mais do que o retirar de matéria, este representa a adição de espaço, espaço possível de habitar, de percorrer, mas acima de tudo, espaço possível de experienciar.

Numa tentativa de nos demonstrar as intenções espaciais, e não apenas de reproduzir o edifício, Bruno Zevi apresenta-nos propostas de representação para a Basílica de São Pedro de Michelangelo. Tanto estas representações, como os modelos espaciais apresentados por Luigi Moretti têm como objectivo principal inverter a forma como olhamos e percebemos os espaços. Assim, representando o espaço interior como cheio, como positivo, em contraste com as paredes e muros, que neste caso passam a ser o espaço negativo, o espaço interior passa a ser o que molda e caracteriza aquele que o delimita.

(15) ZEVI, Bruno, 2009, p.17.

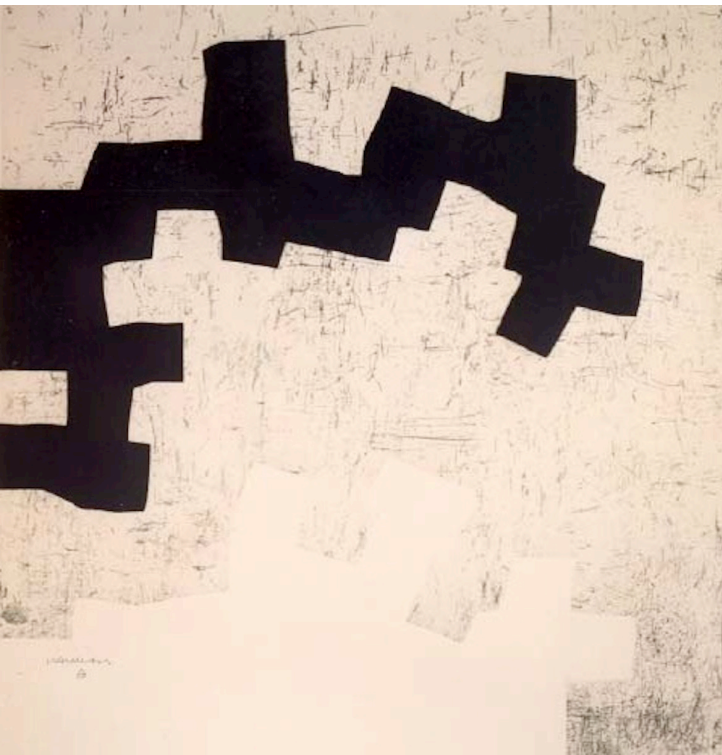
(16) Idem, 2009, p.18



019. Rubin Vase



020. Elogio do Horizonte



021. Carpeta Aldikatu Paulatinamente III

EDUARDO CHILLIDA

Tal como Zevi, também Eduardo Chillida reflecte, em todas as suas obras, sobre a importância do espaço vazio. Nas suas obras, tanto bidimensionais, como tridimensionais, é perceptível a busca do autor pela harmonia entre a dualidade de cheio e vazio, de positivo e negativo; é clara a procura do equilíbrio dinâmico, como se do “Ying-Yang” se tratasse. Para o escultor, a verdadeira importância das suas obras é, tal como no caso do “Rubin Vase”, dar duas perspectivas, em simultâneo, ao espectador. Desta forma, Chillida permite ao observador a percepção da peça, ao mesmo tempo que possibilita a compreensão do espaço articulado e manipulado pela mesma, garantindo assim idêntica importância a ambos.

*“La musica inventa al silencio,
la arquitectura inventa al espacio.”* ⁽¹⁷⁾

Apesar de Zevi e Chillida concordarem com a importância do vazio no diálogo arquitectónico as visões e posições por eles defendidas parecem diferenciar-se. Enquanto Eduardo Chillida assume que o vazio e a matéria se definem e transformam mutuamente, Zevi afirma que a arquitectura, por se definir como uma escultura escavada, identifica o vazio como uma construção; uma construção que se caracteriza por ser, simultaneamente processo de subtracção de matéria e processo de adição de vazio.

No entanto, interessa das ideias por ambos defendidas compreender a característica de imprescindibilidade que assumem existir entre o vazio e o construído, entre a peça e a envolvente. A estas podemos ainda fazer corresponder as teorias de Nietzsche. Ao afirmar que sem recurso ao esquecimento não atingiremos a felicidade, o filósofo atribui ao fenómeno da amnésia a mesma importância que o vazio adquire no trabalho, tanto de Bruno Zevi, como de Eduardo Chillida.

No total entendimento de um qualquer projecto arquitectónico é necessário o diálogo e a relação entre o exterior e o interior, entre o positivo e o negativo, entre a observação e a experiência.

(17) PAZ, Octávio, 1987, p.236.

PARTE I
CONCLUSÃO

Um projecto que permite reactivar uma zona quase abandonada. Uma intervenção que procura redefinir uma memória praticamente perdida. Um elemento que caracteriza não só a cidade, como todo o território. Estas foram as condições com que nos propusemos trabalhar desde o início da concepção do projecto.

Com os acessos debates que se verificaram no decorrer do século XX, sobre as teorias de preservação e restauro, e com o exemplo claro da intervenção de Torrecillas, pudemos começar a articular uma solução de intervenção. Uma solução que permitisse o diálogo entre o novo e o antigo sem que, de forma alguma, um prejudicasse o outro.

Contudo, ao analisar o primeiro caso de estudo atrás descrito, percebemos desde logo que, num projecto que trabalha com monumentos pré-existent, que se destacam, e portanto caracterizam a envolvente, mais do que compreender a importância histórica e temporal, é necessário conceber a importância territorial que estes assumem. Assim, procedemos à análise de casos de estudo de monumentos que se assumem no território, como o caso da torre Eiffel e dos exemplos na Escócia, dos quais compreendemos que para além das duas primeiras características, interessava ao projecto a condição de experiência, de encontrar e viver o desconhecido, o vazio.

Interessava criar um projecto que, ao mesmo tempo que possibilitava a relação com o passado, permitia uma abstracção e esquecimento do mesmo.

Desta forma, após a breve análise de alguns exemplos e ideias, podemos agora afirmar que na construção do presente projecto é indissociável o diálogo entre o passado e o futuro, entre a cidade e o território, entre a sociedade e o homem, tornando-o assim produto do tempo, de escala e de experiência.

PARTE II



022. Panorâmica da Cidade de Alcácer do Sal



LOCALIZAÇÃO

“O sítio de Alcácer é o resultado de duas componentes geográficas: a colina e o rio.” ⁽¹⁸⁾

Localizada a sul da capital do país e próxima da Reserva Natural do Estuário do Sado, a cidade de Alcácer do Sal apresenta-se como uma das localidades historicamente mais relevantes do território português. Hoje sede de Concelho, é também uma cidade caracterizada pela sua imponente presença em anfiteatro sobre o rio Sado. A situação geográfica privilegiada que apresenta, que noutros tempos permitiu garantir a defesa dos seus habitantes, a observação de grande parte do território, e ainda controlar o fluxo comercial, principalmente o marítimo, parece hoje em dia passar despercebida.

Se as primeiras ocupações que marcaram este território a caracterizaram como uma cidade militar, concentrada no cimo da colina, com o tempo a sua importância tem vindo a deslocar-se para a zona próxima do rio. A cidade cresceu para junto do rio Sado, formando uma urbe que vive na e da marginal, acabando por deixar a zona das primeiras ocupações num estado de abandono quase total.

É na tentativa de, como explicado anteriormente, reabilitação da zona alta da cidade, onde se verificaram os processos de fixação mais antigos, que se fundamenta todo o trabalho de projecto. Contudo, pareceu-nos imprescindível compreender as evoluções mais drásticas que este local tem vindo a sofrer ao longo dos séculos, para que uma intervenção desta magnitude conseguisse não só responder aos problemas apontados, sem deteriorar a memória colectiva e a identidade social, como também reforçar e restabelecer uma memória que parece ter-se perdido.

(18) PEREIRA, Maria Teresa Lopes, 2000, p.55



023. Cidade de Alcácer do Sal

EVOLUÇÃO URBANA ⁽¹⁹⁾

Observando o território onde hoje em dia se encontra a cidade de Alcácer do Sal não é difícil perceber que a sua proximidade ao rio Sado, as excepcionais condições de defesa, e as suas abundantes e férteis planícies são, sem dúvida, as principais características que proporcionaram as condições de fixação populacional.

Da origem e do começo da vila pouco se sabe; pensa-se contudo que até ao século VIII a colina da fortaleza de defesa, hoje pousada de Portugal, terá sido o local de maior fixação e desenvolvimento, muito por permitir o abrigo de toda a população em períodos de batalhas e guerras. Neste período Alcácer apresentava-se como uma vila definida pelos fortes limites da muralha, da qual ainda hoje restam alguns vestígios; Alcácer do Sal definia-se assim como uma vila intra-muros.

Entre os séculos XV e XVII, numa tentativa de combater o processo de abandono da cidade intra-muros, eram oferecidas regalias aos moradores que decidissem permanecer na parte alta da vila; contudo os moradores continuaram a abandonar a zona do castelo, fixando-se quer na encosta virada a nascente, quer na malha urbana rigorosa que caracterizava a zona baixa da cidade.

O fenómeno de privilégio do rio em relação ao topo da colina é ainda visível nos dias de hoje. Apesar de o castelo, que se apresentava num estado de deterioração avançado, ter sofrido uma enorme reabilitação quando, em 1998, foi transformado em Pousada, a zona onde se insere parece ter perdido a sua força e identidade. Um local, outrora de máxima importância política, militar, e religiosa, parece, hoje em dia, não suscitar qualquer interesse aos que habitam a cidade.

(19) Devido à escassez de elementos de estudo, tais como documentos cartográficos e outros, os desenhos que se apresentam nesta fase do trabalho pretendem apenas demonstrar como se pensa ter sido a cidade noutras épocas, não passando portanto de registos hipotéticos. Pretende-se apenas com estes desenhos representar a dinâmica de ocupação que o território em estudo sofreu, desde o momento da sua fundação aos dias de hoje.

Todos os documentos a serem apresentados nesta parte do trabalho não passam de adaptações feitas por mim, com base em pesquisas e documentos de outros autores.

ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Compreendendo agora a dinâmica de evolução ocupacional do território e, por consequente, a descida constante da população em direcção ao rio, torna-se clara a perda de importância e de carácter que o topo da colina, que a cidade muralhada perdeu no decorrer dos séculos.

Se por um lado, a reconstrução do castelo, e a sua transformação em Pousada de Portugal permitiu uma viragem no processo de deterioração da história, e impediu que o castelo desaparecesse, por outro lado nada fez para inverter o processo de abandono que caracterizou os séculos passados. O difícil acesso ao topo da colina, bem como a falta de interesse a quem percorre os espaços públicos nesta zona, são algumas das características que mais contribuem para a sua degradação constante. Percorrer esta zona da cidade torna-se uma actividade entediante, sem qualquer interesse.

A intenção de projecto parte portanto da necessidade identificada de revitalizar e reactivar a cidade intra-muros, e de reafirmar uma memória, uma identidade à muito perdida; reafirmar um coroamento, um limite que define não só a cidade, como todo o território a seu redor.

Numa primeira fase o trabalho passou por entender os primeiros, e mais fortes limites que já definiram esta zona, definindo todos os limites que marcariam a zona de intervenção. Posto isto, e visto que uma das características apontadas como prejudicial à evolução deste território são os difíceis ou inexistentes acessos, o trabalho focou-se em definir os pontos de chegada ao topo da colina. Desta forma a intervenção acaba por se definir como um elemento que permite e incentiva a convergência de todos, garantindo clareza e interesse aos que a percorrem.

Com base nos aspectos anteriormente referidos, o projecto apresenta como limites de intervenção o antigo perímetro da muralha, onde se implantará uma nova pavimentação que pretende reproduzir o material de construção original da muralha. Para além de procurar recuperar a génese morfológica da cidade original, esta escolha permite homogeneizar todo o local de intervenção, dando ênfase a dois, dos mais importantes monumentos de toda a cidade: a Igreja de Santa Maria do Castelo, ou Matriz, e o Castelo, hoje Pousada D. Afonso II.



024. Alcácer do Sal - Local de Intervenção



025. Alcácer do Sal - Local de Intervenção



026. Alcácer do Sal - Local de Intervenção

Num segundo momento, e já definidos os limites que caracterizam a intervenção, o trabalho passou por afirmar três diferentes cotas de intervenção, permitindo assim relacionar todo o projecto com diferentes elementos pré-existentes, provocando, ao mesmo tempo, diferentes sensações e relações entre quem percorre a obra e o mundo que o envolve. Procura-se primeiramente uma relação directa entre a intervenção e a muralha, criando assim um percurso entre o antigo limite e o novo, entre a identidade passada e a futura. Posteriormente, procurando prolongar o momento de chegada a poente, cria-se uma plataforma à cota máxima da muralha que permite, não só um momento de observação e reflexão sobre todo o território, como permite também o acesso ao actual museu arqueológico. Esta grande plataforma, que se relaciona com as cotas máximas da muralha pré-existente, reafirmará o coroamento do topo desta imponente colina, impondo-se novamente a todo o território. Por último, criar-se-á uma mais elevada plataforma que assume a intenção de conduzir o visitante até ao antigo Castelo.

Reactivar, redefinir, e reafirmar uma memória perdida apresentam-se como as intenções que estiveram na base da evolução estratégica de todo o trabalho. Valorizando os monumentos pré-existentes, criando ligações e relação perdidas, ou nunca antes afirmadas, e homogeneizando toda a zona pública intra-muros, o trabalho pretende apresentar-se não como uma intervenção pontual, mas como uma estratégia de começo para um longo processo de redescoberta e repovoamento de uma zona histórica hoje praticamente abandonada.



027. Alcácer do Sal - Local de Intervenção



028. Alcácer do Sal - Local de Intervenção



029. Alcácer do Sal - Local de Intervenção



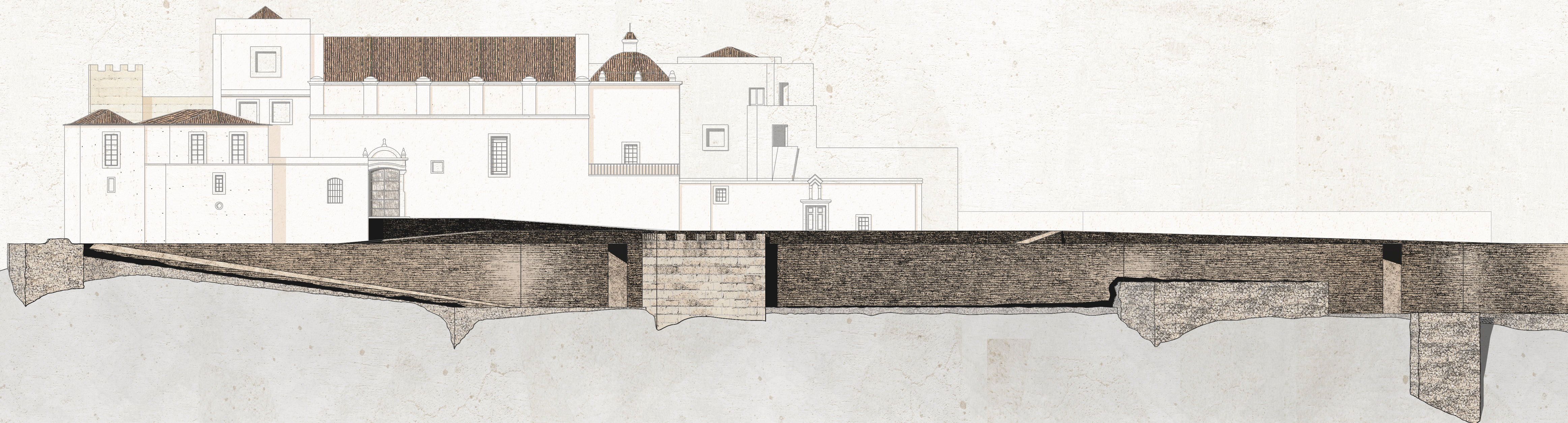


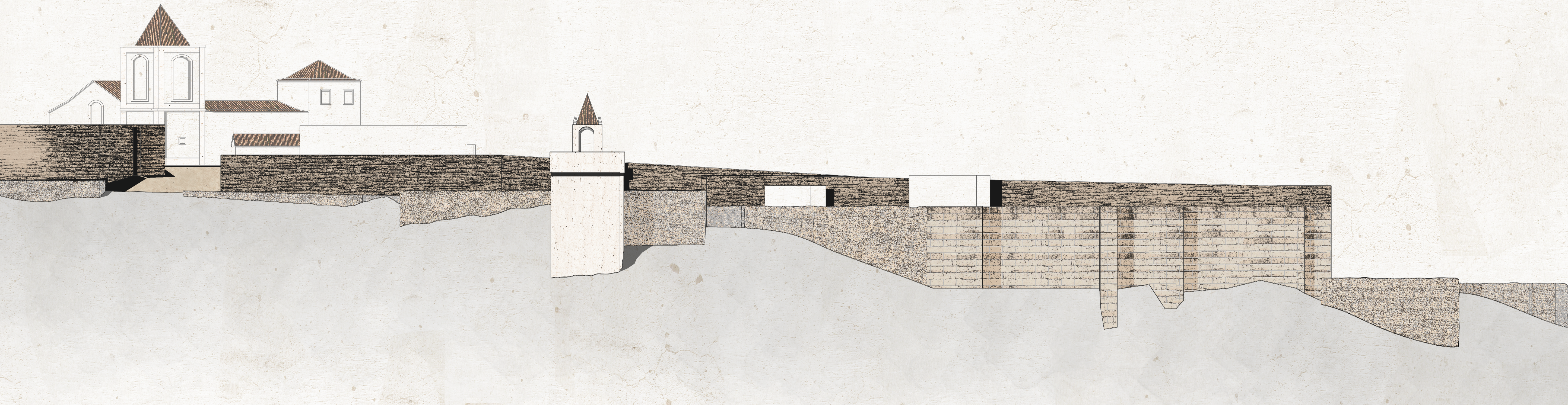












CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ARQUITECTÓNICO

Definida a estratégia de intervenção e compreendidos todos os elementos de ligação e relação entre o projecto e a envolvente, o trabalho avançou para a definição do programa que melhor se adequaria às premissas impostas no momento de construção estratégica.

Tendo como premissas de trabalho a reabilitação, reactivação e repovoamento desta zona, era claro que o projecto iria consistir em habitação. Contudo, sendo que as actividades económicas e sociais se desenvolvem junto ao rio, e tendo em conta que a taxa ocupacional da pousada de Alcácer do Sal é bastante elevada, o programa escolhido acabou por ser uma extensão da própria Pousada D. Afonso II. Desta forma, ser-nos-ia possível garantir o repovoamento desta zona, trazendo visitantes, procurando ao mesmo tempo que a rotatividade própria de habitação temporária conseguisse despontar também o desenvolvimento económico na zona alta da cidade.

Admitindo o programa turístico como característica primária da construção espacial, o primeiro aspecto a ser levantado foi a diferenciação que se teria de criar entre os locais já existentes, e este novo e fascinante local. A relação óbvia e magnífica com a muralha é, sem dúvida, um aspecto de grande diferenciação. Contudo pareceu-nos claro que o projecto teria de passar pela construção de apartamentos, ao invés dos triviais quartos de hotel que constituem a pousada existente, cuja concepção permitia, para além da criação de locais de enorme privacidade, a criação de zonas de convívio.

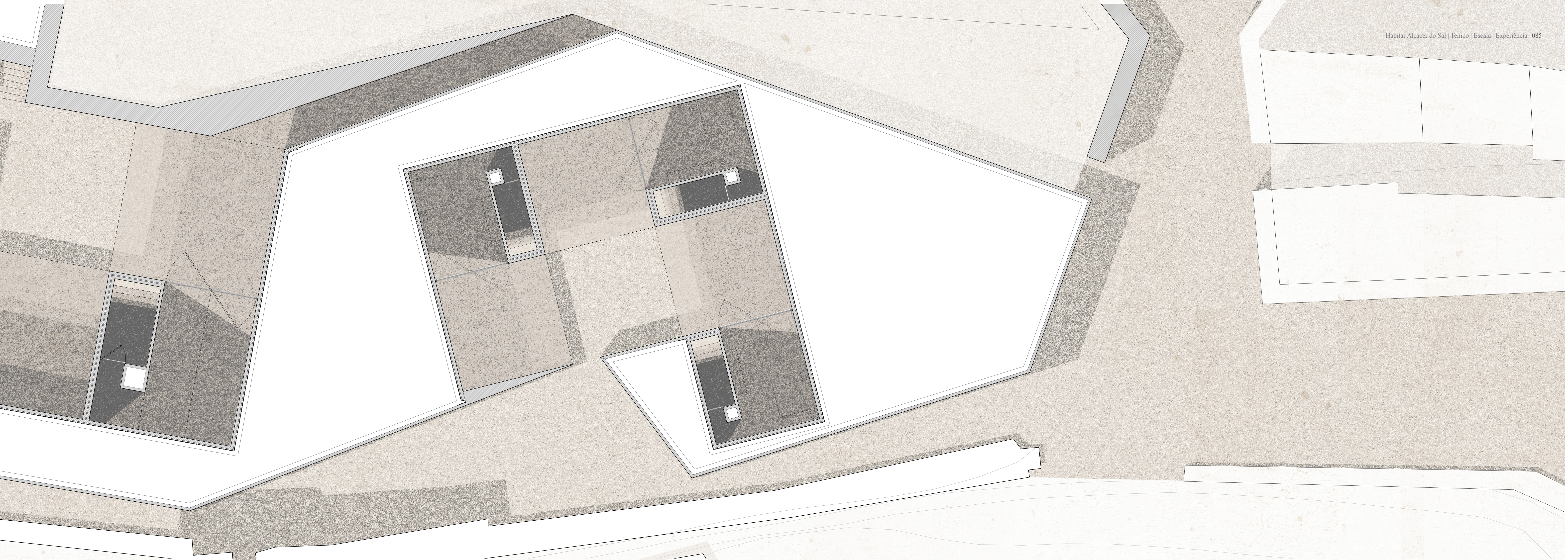
Para que tais situações fossem conseguidas, o projecto desenvolveu-se em duas etapas. Numa primeira fase, em contraposição aos torreões ainda existentes, ou que se pensa terem existido, no local de alargamento do percurso entre limites, foram escavados dois pátios que, ao interceptarem a nova muralha, proporcionam ao visitante uma entrada estreita, mas imponente. Este primeiro espaço descoberto, que se caracteriza como a primeira fase de transição do percurso público para a mais privada das divisões, assume-se também como o elemento gerador da segunda fase da construção dos vazios, assume-se como elemento central de acesso a qualquer um dos três apartamentos que se irão criar.

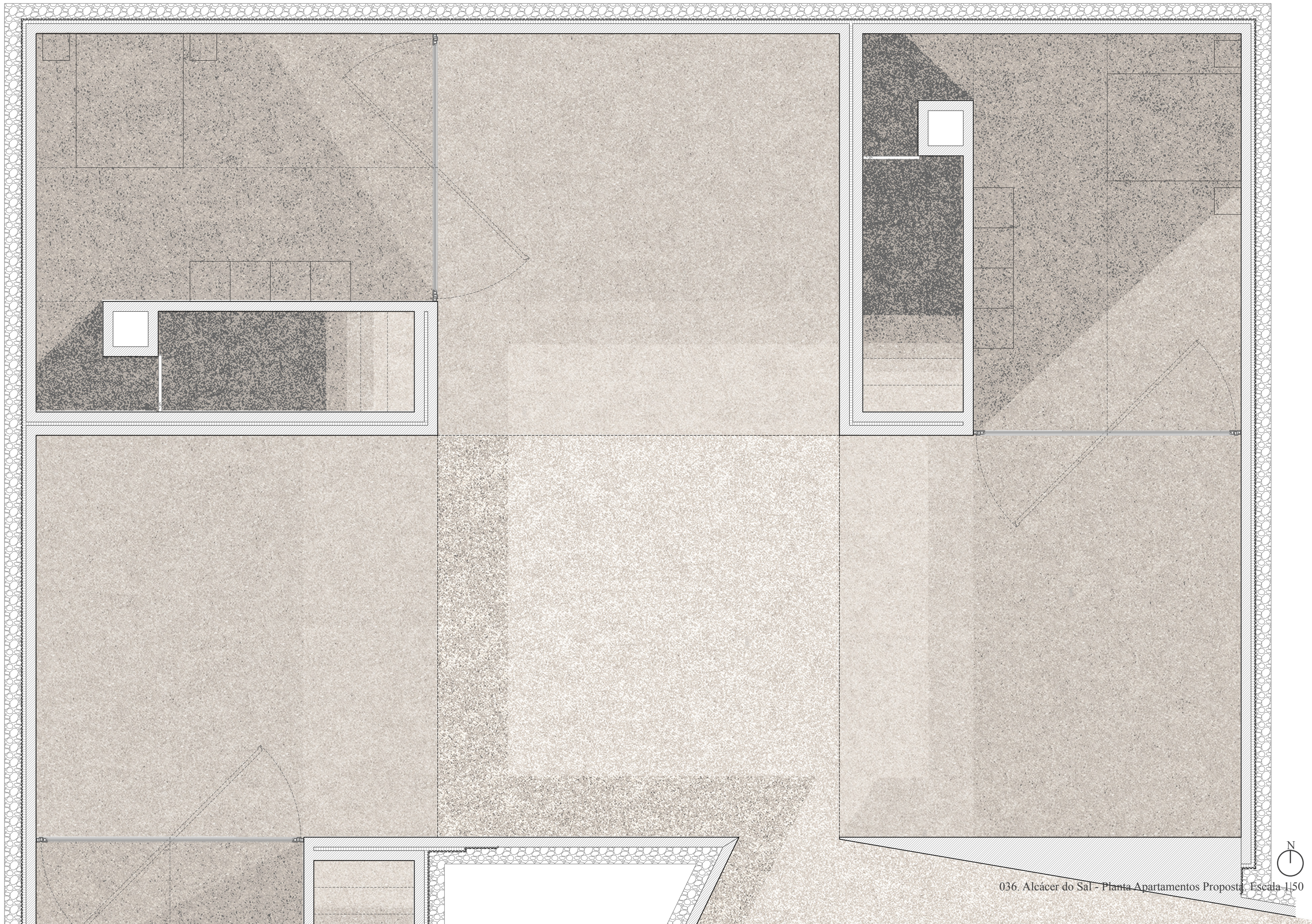
Em seguida, e tendo o pátio como elemento comum aos três apartamentos, a construção dos vazios que constituem os apartamentos é baseada na sucessão de espaços que progressivamente se tornam mais privados. Esta passagem de um espaço para o outro acontece como que seguindo uma espiral de luz que, do recorte perfeito do pátio comum conduz o visitante através de um pátio coberto ao seu apartamento, vai perdendo força e intensidade até que, por fim, volta a ganhar ênfase voltando-se, uma vez mais, para o céu.

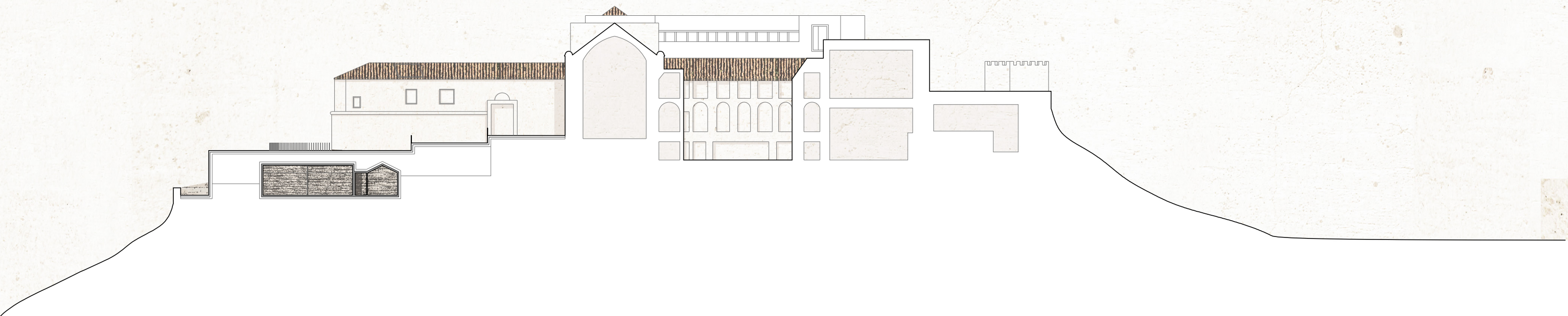


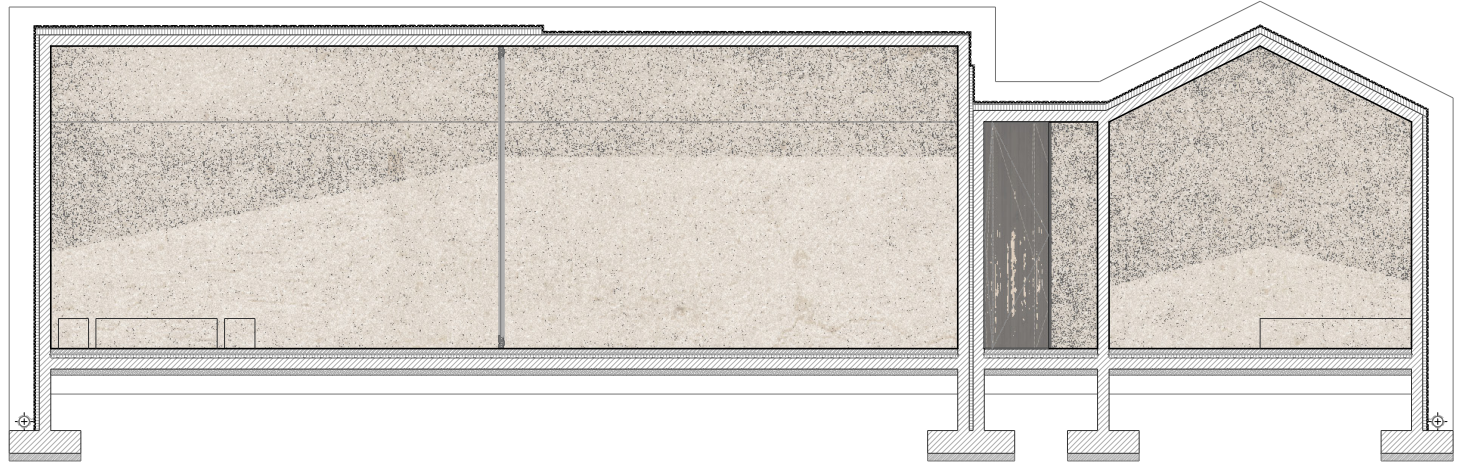
034. Construção Espacial - Sucessão de espaços na sua condição negativa



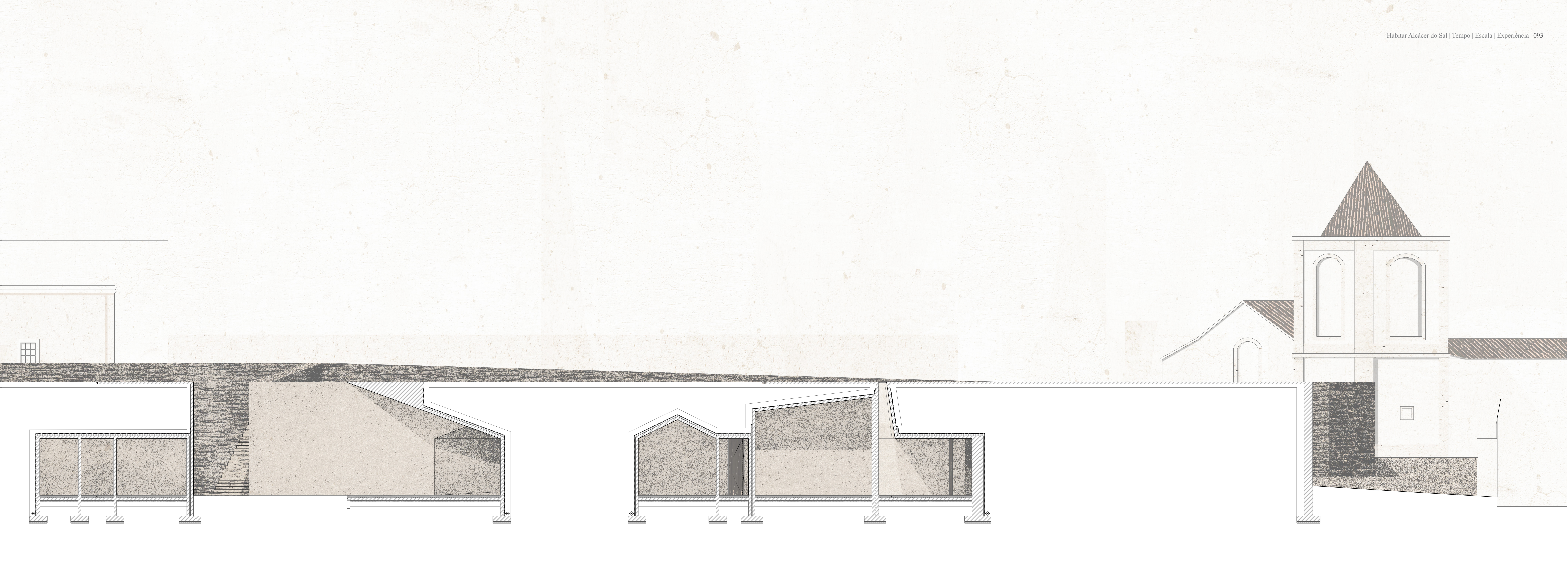








038. Alcácer do Sal - Corte Longitudinal Proposto. Escala 1|100



MATERIALIDADE CONSTRUTIVA

Visto ter como intenção base recuperar uma memória perdida, recuperando um elemento já desaparecido, o projecto pretenderá aproximar a sua matéria construtiva daquela que caracteriza a muralha de coroamento da colina.

“Quanto à técnica construtiva, observa-se na cerca almóada de Alcácer do Sal uma utilização generalizada da taipa (tabya), por ser não só a técnica mais fácil e rápida de executar, como também por as muralhas assim construídas serem mais resistentes em caso de assédio ou ataque.” (20)

Tendo sido construída, na sua maior parte, em taipa militar, como nos explica José António Chagas, o material construtivo escolhido acabou por ser uma versão contemporânea e aproximada de taipa militar, o betão armado. No exterior o betão deve ser executado recorrendo a uma técnica de estratificação, e deve apresentar uma textura bastante irregular, tipo betão bujardado, contrastando com o interior das células que devem apresentar uma textura o mais lisa possível. No que diz respeito à estereotomia pretende-se que se percebam apenas as linhas horizontais características da técnica construtiva estratificada. Para além destas características o betão deve ainda adquirir um pigmento que se relacione com o tom da muralha, elemento base de toda a concepção projectual.

(19) CHAGAS, José António Amaral Trindade, 1995, p.43.



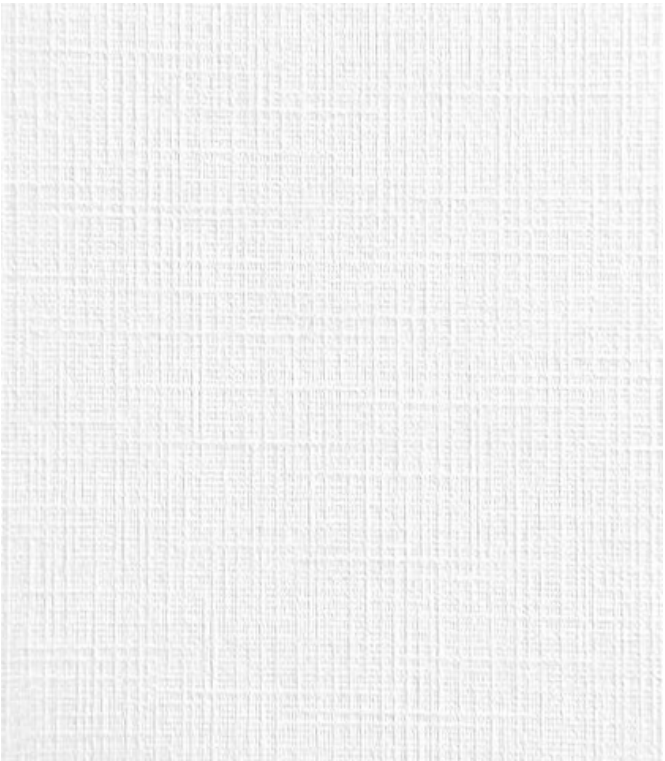
039. Paredes - Betão estratificado



040. Caixilhos e Mobiliário - Madeira de Carvalho



041. Serralharias - Aço Corten



042. Elementos de Tecido - Linho

01 - Tela impermeabilizante

02 - Manta alveolar drenante

03 - Camada de forma para a criação de pendente

04 - Isolamento térmico, tipo XPS, espessura 80mm

05 - Paredes e tecto em betão aparente com acabamento liso, com pigmento idêntico ao da muralha. (Todos os elementos em betão aparente devem ser revestidos com impermeabilizante incolor tipo “Radcon”)

06 - Terreno compactado

07 - Geodreno (águas e esgotos)

08 - Betão de limpeza

09 - Caixilho para vão pivotante em madeira maciça

10 - Janela pivotante composta por vidros duplos

11 - Pavimento em betonilha afagada, para integração do sistema de pavimento radiante, com pigmento idêntico ao betão, espessura 80mm

12 - Sistema de piso radiante

13 - Isolamento térmico, tipo XPS, espessura 40mm

14 - Laje em betão armado, espessura 15cm

15 - Betonilha de assentamento, espessura 80mm

16 - Sacos geotêxteis de teca ou gravilha

17 - Pavimento exterior em betão jateado, com pigmento idêntico ao betão interior

18 - Paredes exteriores em betão pigmentado, com estereotomia horizontal, jateado e com retardador de presa (cor a definir)

19 - Isolamento térmico, tipo XPS, espessura 50mm

20 - Portas interiores pivotantes em réguas de madeira maciça de carvalho, espessura 50mm

21 - Rufo metálico para remate das telas

22 - Sistema de assentamento e criação de pendente para a caleira

23 - Betonilha de assentamento e criação de pendente para a caleira

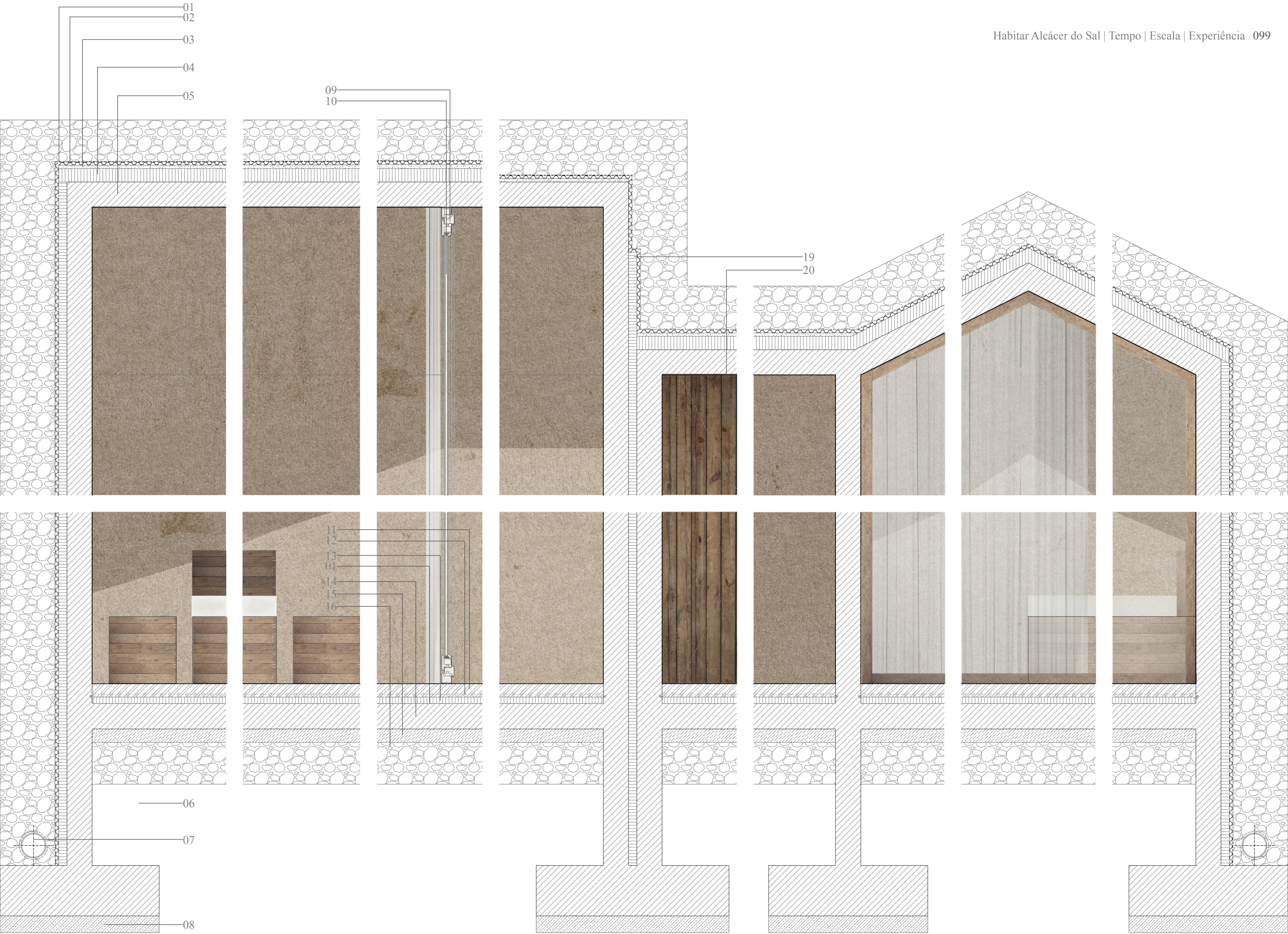
24 - Lâmina de betão

25 - Chapa metálica para fixação da guarda metálica

26 - Tubo para drenagem de águas junto à guarda metálica

27 - Lanternim composto por vidros duplos

28 - Caixilhos do lanternim em madeira maciça



01 - Tela impermeabilizante

02 - Manta alveolar drenante

03 - Camada de forma para a criação de pendente

04 - Isolamento térmico, tipo XPS, espessura 80mm

05 - Paredes e tecto em betão aparente com acabamento liso, com pigmento idêntico ao da muralha. (Todos os elementos em betão aparente devem ser revestidos com impermeabilizante incolor tipo “Radcon”)

06 - Terreno compactado

07 - Geodreno (águas e esgotos)

08 - Betão de limpeza

09 - Caixilho para vão pivotante em madeira maciça

10 - Janela pivotante composta por vidros duplos

11 - Pavimento em betonilha afagada, para integração do sistema de pavimento radiante, com pigmento idêntico ao betão, espessura 80mm

12 - Sistema de piso radiante

13 - Isolamento térmico, tipo XPS, espessura 40mm

14 - Laje em betão armado, espessura 15cm

15 - Betonilha de assentamento, espessura 80mm

16 - Sacos geotêxteis de teca ou gravilha

17 - Pavimento exterior em betão jateado, com pigmento idêntico ao betão interior

18 - Paredes exteriores em betão pigmentado, com estereotomia horizontal, jateado e com retardador de presa (cor a definir)

19 - Isolamento térmico, tipo XPS, espessura 50mm

20 - Portas interiores pivotantes em réguas de madeira maciça de carvalho, espessura 50mm

21 - Rufo metálico para remate das telas

22 - Sistema de assentamento e criação de pendente para a caleira

23 - Betonilha de assentamento e criação de pendente para a caleira

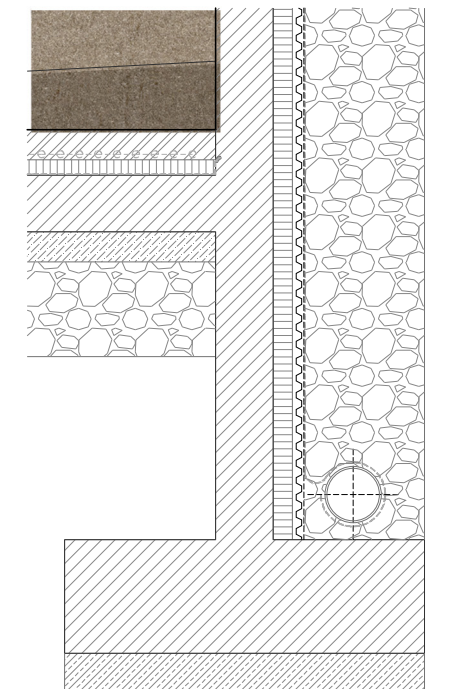
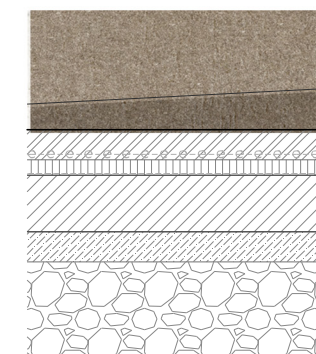
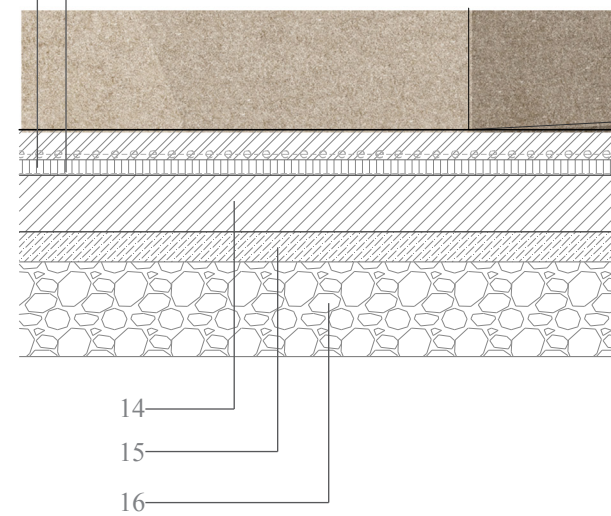
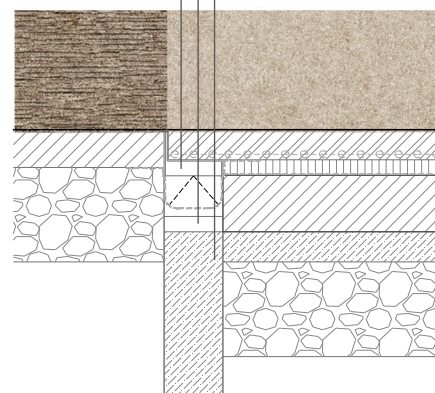
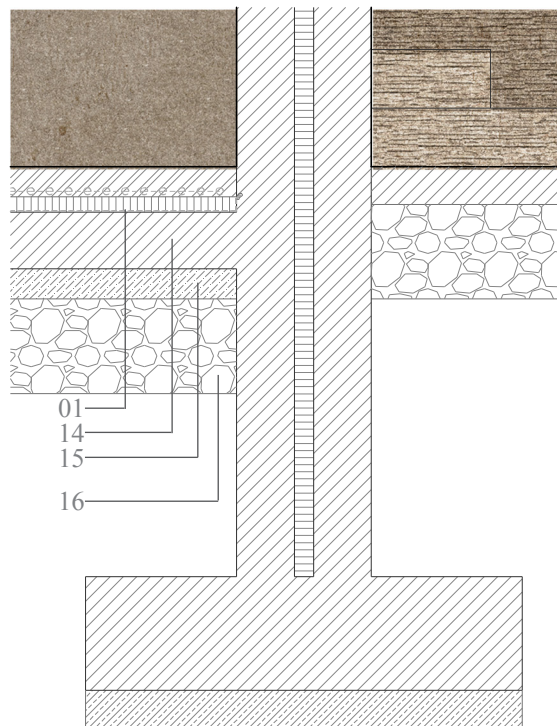
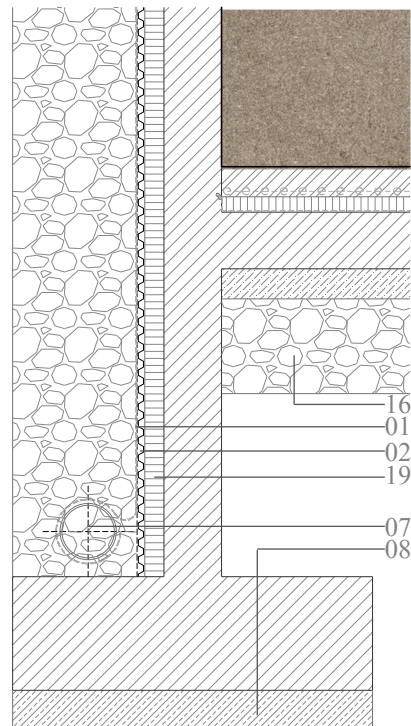
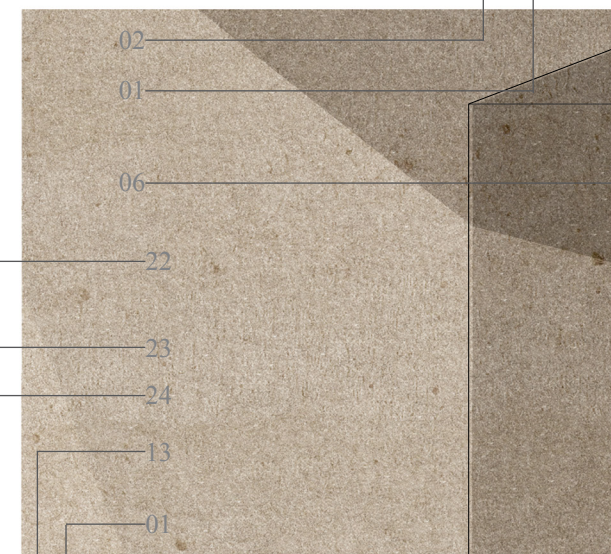
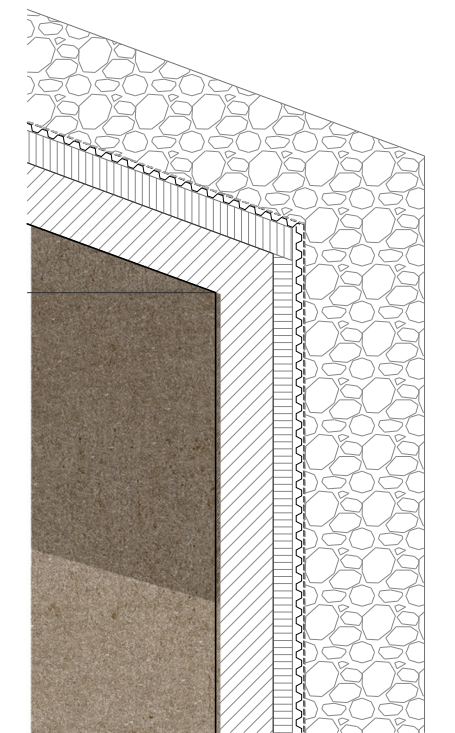
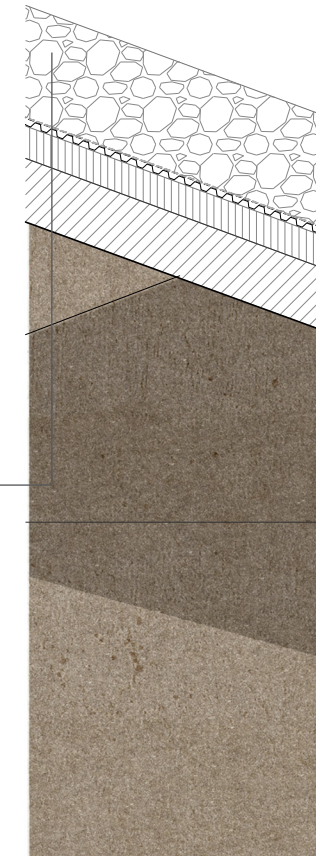
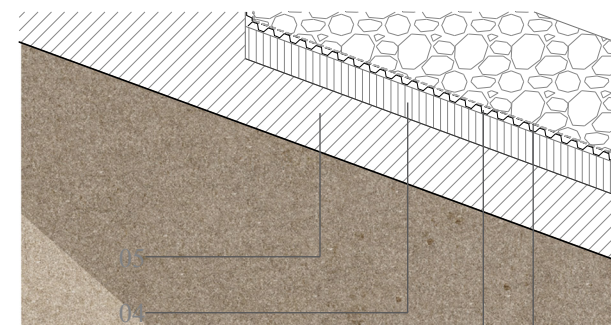
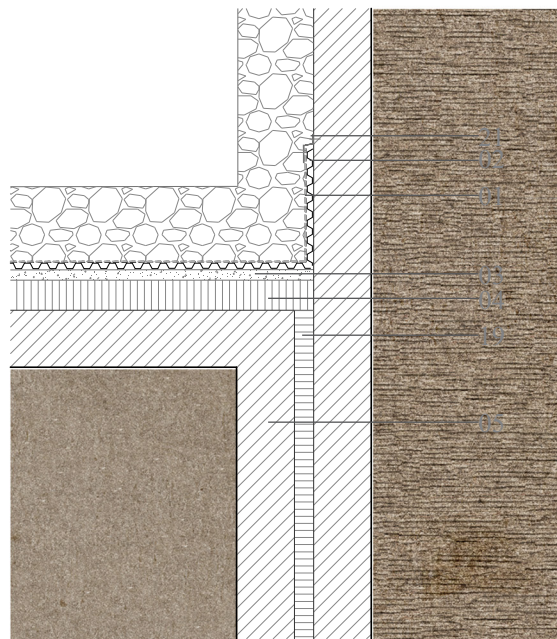
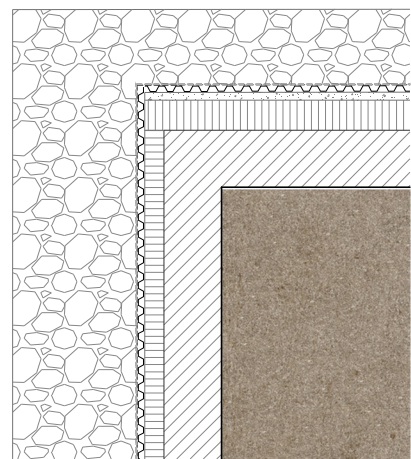
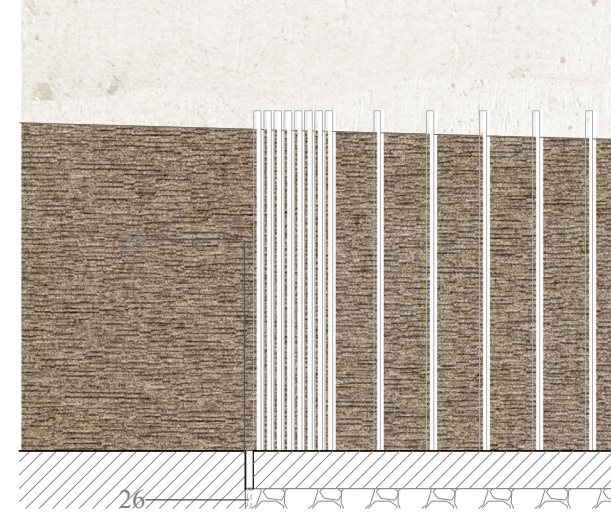
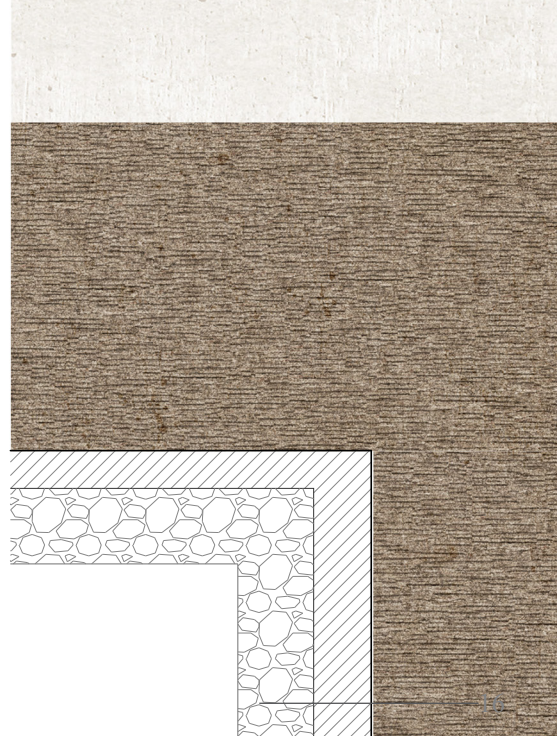
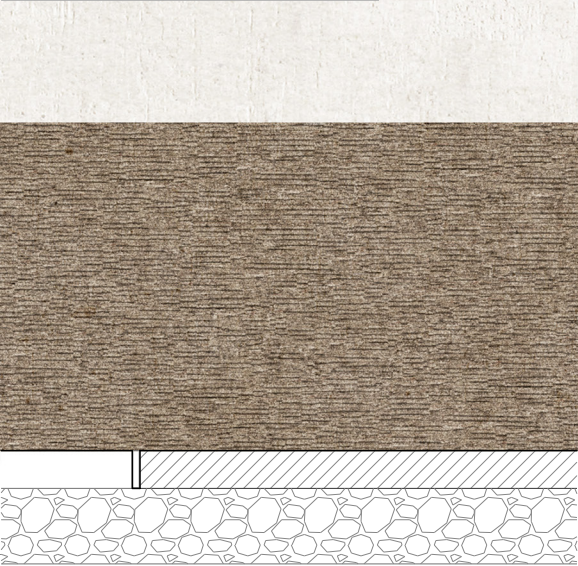
24 - Lâmina de betão

25 - Chapa metálica para fixação da guarda metálica

26 - Tubo para drenagem de águas junto à guarda metálica

27 - Lanternim composto por vidros duplos

28 - Caixilhos do lanternim em madeira maciça



ÍNDICE DE IMAGENS

004	001 . Fotografia Michelle Brea The Art of Memory Disponível em: https://www.flickr.com/photos/itsallaboutmich/3460228115	024	009. Detalhe de Fotografia Jesús Torres Muralha Nazari, Granada Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/762856/muralha-nazari-em-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas/54d-d8179e58ece120700013c		
008	002. Esquema Mariana Mayer Reconstituição Hipotética da Muralha de Alcácer do Sal (Segundo M. T. Lopes Pereira) Alcácer do Sal na Idade Medieval p. 68	026	010. Detalhe de fotografia Vicente del Amo Muralha Nazari, Granada Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/762856/muralha-nazari-em-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas/54d-d81a5e58ece120700013f	042	016. Pintura Sem Autor Friedrich Nietzsche Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Nietzsche#/media/File:Portrait_of_Friedrich_Nietzsche.jpg
018	003 . Fotografia Sem Autor Castelo de Alcácer do Sal Disponível em: http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1635631&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1	026	011. Detalhe de Fotografia Antonio Jiménez Torrecillas Muralha Nazari, Granada Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/762856/muralha-nazari-em-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas/54dd8187e58ece826e000157	044	017. Desenho Giovanni Battista Nolli Mapa de Roma, Nolli Disponivem em: http://www.medievalists.net/2012/08/17/how-many-tower-houses-were-there-in-the-scottish-borders-a-few-observations/
020	004. Gravura John Ruskin Plate II Part of the Cathedral of St. Lo, Normandy Seven Lamps of Architecture p. 53	030	012. Detalhe de Fotografia A Terceira Dimensão Vista Aerea Alcácer do Sal Disponível em: http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/search/label/Alcacer%20do%20Sal	046	018. Desenho Bruno Zevi Espaço interior e Espaço exterior Saber Ver a Arquitectura p.43
020	005. Gravura John Ruskin Plate V Capital from the Lower Arcade of the Doge’s Palace, Venice Seven Lamps of Architecture p.89	032	013. Detalhe de Fotografia Sem Autor Fotografia Aérea da Torre Eiffel, 1889 Disponivel em: http://antonk.com/may-in-history/may-6-on-this-day-in-history/	048	019. Desenho Sem Autor Rubin Vase Disponível em: http://40.media.tumblr.com/a065f81c8f06afd576887df64f3f2f93/tumblr_n39ppbh-vCx1qfvq9bo1_1280.jpg
020	006. Gravura John Ruskin Plate VIII Window from the Ca’ Foscari, Venice Seven Lamps of Architecture p.97	034	014. Fotografia Sem Autor Torre Escocesa Disponível em: http://www.medievalists.net/2012/08/17/how-many-tower-houses-were-there-in-the-scottish-borders-a-few-observations/	048	021. Desenho Eduardo Chillida Carpeta Aldikatu Paulatinamente III Disponível em: http://www.fundacionaragonesapilarcitoler.org/wp-content/uploads/2015/05/Eduardo-Chillida.-Carpeta-Aldikatu-Paulatinamente-III.jpg
024	007. Detalhe de Fotografia Theo Coutanceau Muralha Nazari, Granada Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/762856/muralha-nazari-em-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas/54de4df-fe58ece6df5000001	034	015. Desenho Esquiços de Louis Kahn dos Castelos Escoceses BROWNLEE, David B., DE LONG, David G. Louis I. Kahn: In the Real of Architecture . Los Angeles: Museum of Contemporary Art, Riz-	058	022. Fotografia Sem Autor Panorâmica da Cidade de Alcácer do Sal Disponível em: http://www.gephelling.org/#!/Alcacer%20do%20Sal/zoom/ck3y/i4qxr Trabalhada por Mariana Mayer
024	008. Detalhe de Fotografia David Arredondo e Alberto Garcia Muralha Nazari, Granada Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/762856/muralha-nazari-em-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas/54dd8195e58ece826e000158			061	023. Fotografia Sem Autor Cidade de Alcácer do Sal Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ee/Alcacer_do_Sal_-_Panorama.jpg Trabalhada por: Mariana Mayer
				065	024. Fotografia Mariana Mayer Alcácer do Sal - Local de Inter-

	venção
065	025. Fotografia Mariana Mayer Alcácer do Sal - Local de Intervenção
065	026. Fotografia Mariana Mayer Alcácer do Sal - Local de Intervenção
067	027. Fotografia Mariana Mayer Alcácer do Sal - Local de Intervenção
067	028. Fotografia Mariana Mayer Alcácer do Sal - Local de Intervenção
067	029. Fotografia Mariana Mayer Alcácer do Sal - Local de Intervenção
068	030. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Planta de Cobertura Actual Escala 1 1000
070	031. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Planta de Cobertura dos Acessos Propostos Escala 1 1000
072	032. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Planta de Cobertura Proposta Escala 1 1000
076	033. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Alçado Proposto Escala 1 200
081	034. Fotografia de maquete Mariana Mayer Construção Espacial - Sucessão de espaços na sua condição negativa
084	035. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Planta Proposta Escala 1 100
087	036. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Planta Apartamentos Proposta Escala 1 50

088	037. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Corte Transversal Proposto Escala 1 500
092	038. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Corte Longitudinal Proposto Escala 1 100
097	039. Imagem Sem Autor Paredes - Betão estratificado Disponível em: http://www.textures.com Trabalhada por: Mariana Mayer
097	040. Imagem Sem Autor Caixilhos e Mobiliário - Madeira de Carvalho Disponível em: http://www.textures.com Trabalhada por: Mariana Mayer
097	041. Imagem Sem Autor Serralharias - Aço Corten Disponível em: http://www.impressdecor.com.br/noticias/wp-content/uploads/2015/11/Cobre-Corten.jpg Trabalhada por: Mariana Mayer
097	042. Imagem Sem Autor Elementos de Tecido - Linho Disponível em: http://www.forprintcartuchos.com.br/img/products/papel-fotografico-brilhante-textura-linho-200g-a4-20fls_1_630.jpg Trabalhada por: Mariana Mayer
099	039. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Corte Construtivo A Escala 1 20
101	040. Desenho Mariana Mayer Alcácer do Sal - Corte Construtivo B Escala 1 20

BIBLIOGRAFIA

ALISON, Archibald. Essays on the Nature and Principles of Taste. Hartford: George Goodwin & Sons, 1821.

BARTHES, Roland. A Barthes Reader. Canada: Harper Collins Canada Ltd; 1996

BERGDOLL, Barry. European Architecture 1750-1890. London: Oxford University Press, 2000.

CHAGAS, José António Amaral Trindade. O Castelo de Alcácer do Sal e a Utilização da Taipa Militar Durante o Domínio Almóada. Évora, 1995. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Évora.

CHOAY, Françoise. Alegoria do Património. Trad. Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2013. T't. Orig.: L'Allégorie du Patrimoine. ISBN 978-972-44-1274-0.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA. G-Z. Vol II. Lisboa: Academia das Ciências e Editorial Verbo, 2001. ISBN 972-22-2046-2. P.1993.

FORTY, Adrian. Memory. In: Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture. London: Thames & Hudson, 2004. ISBN 05000284709. P. 206-219.
GRAÇA-DIAS, Manuel. Querer Ficar Um Pouco mais Lá. In Jornal Arquitectos, nº. 217. Lisboa: 2004

HUTTON, Patrick H. Review Essays. [Consult. 26 Agosto 2015]. Disponível em: <http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/94Hutton-RevHistMemHistTheory.pdf>

KNIGHT, Richard Payne. An Analytical Enquiry into the Principles of Taste. London: Luke Hansard, 1806.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: Enciclopédia Einaudi. Memória-História. Vol.1 Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. ISBN 9789722700801. P. 11-50.

NIETZSCHE, Friedrich. On the Advantage and Disadvantage of History for Life. Trad. Peter Preuss. Indianápolis: Hackett Publishing Company, Inc, 1980. Tít. Orig.: Vom Nutzen und Nachteil der Historie fur das Leben. ISBN 0-9915144-95-6.

PAZ, Octavio. The Collected Poems of Octavio Paz. New York: New Directions Publishing Corporation, 1987. ISBN 978-0-8112-1173-4.

PEREIRA, Maria Teresa Lopes. Alcácer do Sal na Idade Média. Lisboa: Edições Colibri, 2000. ISBN 972-772-142-7.

RAMALHO, Margarida [e tal.]. Pousada D. Afonso II. Lisboa: ENATUR, 1998. ISBN 972-96472-6-7.

RIEGL, Alois. O Culto Moderno dos Monumentos: a sua essência e a sua origens. Trad. Werner Roehschild Davidsohn. São Paulo: Perspectiva, 2014. Tít. Orig.: Der moderne denkmalkultus. ISBN 978-85-273-1005-5.

RIEGL, Alois. The Modern Cult of Monuments: Its Essence and Its Development. Trad. Nicholas Stanley Price, M. Kirby Talley Jr., Alessandra Melucco Vaccaro. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1997. P. 69-83. Tít. Orig.: Der moderne denkmalkultus. ISBN 0-89236-398-3.

RUSKIN, John. A lâmpada da Memória. Trad. Maria Lúcia Bressan Pinheiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. Tít. Orig.: The Seven Lamps of Architecture. ISBN 978-85-7480-406-4.

RUSKIN, John. The Seven Lamps of Architecture. London: Universidade de Oxford, 1849.

SNOZZI, Luigi. Snozzi Sezione: Luigi Snozzi. Parole sull’architettura. Architetture di Carta. Alghero : Fevereiro, 2008. [Consult. 02 de Novembro de 2015]. Disponível em: <http://issuu.com/eujenji/docs/luigi-snozzi.-in-sezione>
The New Encyclopaedia Britannica. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1987. 24 v. ISBN 0-85229-443-3.

TORRECILLAS, Antonio Jiménez. Muralha Nazarí, Granada. In: Jornal dos Arquitectos, nº 229. Lisboa: 2007.

VISIT PORTUGAL. Alcácer do Sal. [Consult. 02 de Outubro de 2015]. Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/alcacer-do-sal>
ZEVI, Bruno. Saber Ver a Arquitectura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. ISBN 978-85-7827-084-1.

